



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA

YSLÂNIA NOGUEIRA DANTAS

**O PLANEJAMENTO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DOS DESAFIOS ÀS
POSSIBILIDADES**

JOÃO PESSOA-PB
2017

YSLÂNIA NOGUEIRA DANTAS

**O PLANEJAMENTO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DOS DESAFIOS ÀS
POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

JOÃO PESSOA-PB
2017

D192p Dantas, Yslânia Nogueira.

O planejamento no ciclo de alfabetização: dos desafios às possibilidades / Yslânia Nogueira Dantas. – João Pessoa: UFPB, 2017.

77f. : il.

Orientador: Joseval dos Reis Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Planejamento. 2. Plano de aula. 3. Alfabetização. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.09(043.2)


D192p Dantas, Yslânia Nogueira.

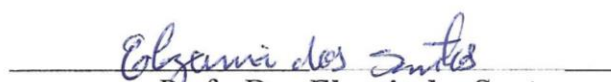
TERMO DE APROVAÇÃO

YSLÂNIA NOGUEIRA DANTAS

O PLANEJAMENTO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DOS DESAFIOS ÀS POSSIBILIDADES

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dr. **Joseval dos Reis Miranda**
Orientador – UFPB/CE/DME


Profa. Dra. **Elzanir dos Santos**
Avaliadora – UFPB/CE/DME


Profa. Ms. **Walkíria Pinto de Carvalho**
Avaliadora – UFPB/CE/DME

JOÃO PESSOA - PB
2017

Dedico este trabalho ao meu pai Olivan, que partiu tão jovem e não teve tempo de presenciar esta vitória, ao meu amado filho João Guilherme a quem busco educar e encaminhar no melhor caminho, e a meu Deus Jeová que me concedeu o dom da vida.

AGRADECIMENTOS

A Jeová, agradeço as minhas conquistas, como também os insucessos que me ensinaram muitas coisas na minha vida, me sinto tão amada e privilegiada. Às vezes me questiono se sou digna de tantas maravilhas.

Ao meu lindo amor meu filho João Guilherme Dantas que muitas vezes deixei a desejar tempos de dedicação nos primeiros anos de sua vida para me dedicar aos trabalhos acadêmicos.

Aos meus pais que tanto amo Olivan Dantas e Dinorá Nogueira que me educaram com dignidade e respeito, e sempre me incentivaram desde pequena aos estudos, apesar das dificuldades.

Às minhas amadas irmãs e amigas Otailma Dantas e Olivânia Dantas, e meus queridos sobrinhos Gustavo Dantas e Beatriz Dantas que desejo que trilhem um caminho de sucesso.

Ao meu esposo querido e paciente João Marcio Marinho que me apoiou antes e durante o curso sempre me encorajando.

À minha cunhada Carla Patrícia e meu sogro João Marinho que me incentivaram e apoiaram a ingressar em um curso superior e especialmente no curso de pedagogia.

Ao meu excelente professor e orientador Professor Dr. Joseval dos Reis Miranda, por toda contribuição na minha formação profissional e dedicação na orientação deste trabalho.

Às ótimas professoras que colaboraram com meus conhecimentos científicos durante o curso e que aceitaram fazer parte da banca, Profa. Dra. Elzanir dos Santos e a Profa. Ms. Walkíria Pinto.

À minha amiga Dayziane que o curso me presenteou, sempre me estimulando e orientando.

Por fim, a todos vocês, sou imensamente grata!

"Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida". (FREIRE, 1997, em entrevista).

RESUMO

A realização e execução do planejamento de aula se faz indispensável, para tanto, é necessário embasamento técnico científico para sistematização dos conteúdos e atividades, bem como para escolha do método de ensino, dos instrumentos e critérios de avaliação que se apliquem às distintas aulas. Pensando na realidade do campo educativo surgiu o seguinte objetivo geral: compreender como as professoras do ciclo de alfabetização, organiza e desenvolve a sua aula no processo de alfabetização e letramento, tendo como base o planejamento construído. Os objetivos específicos se pautaram na identificação e investigação dos seguintes pontos: identificar qual a perspectiva das professoras sobre o planejamento e sua utilização; refletir sobre as barreiras e as possibilidades encontradas pelas educadoras em elaborar e executar o planejamento; retratar a concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras e por fim, analisar a organização da aula desenvolvida pelas professoras no ciclo de alfabetização. Os sujeitos entrevistados da pesquisa foram duas pedagogas, ambas lecionam em uma escola municipal da cidade de João Pessoa na turma do 3º Ano do Ensino Fundamental. A pesquisa é de campo de caráter qualitativo e os instrumentos foram a observação participante, entrevista semiestruturada e análise documental. Destacamos como referencial teórico os seguintes autores: Grossi (1990), Lucky (2008), Vasconcellos (2002 e 2000), Soares (2010), Libâneo (2013), Russo (2001), Leite (2008) etc. Nos resultados foi possível perceber em uma sala de aula o uso raro do plano de aula, já na outra o uso constante, porém com uma elaboração bastante reducionista, pois não contemplava elementos importantes do plano de aula. Ambas as salas possuíam mais de vinte alunos matriculados e contavam apenas com onze alunos alfabetizados, ou seja, apenas a metade da turma. Desse modo, esse estudo é significativo para refletir e reforçar o fazer pedagógico como meio de buscar os melhores caminhos para elaboração e execução do planejamento, aumentando assim as possibilidades de atingir maiores índices de alfabetização e letramento no ciclo de alfabetização dando novo sentido à escola.

Palavras-chave: Planejamento. Plano de aula. Alfabetização. Letramento. Organização da aula.

ABSTRACT

The accomplishment and execution of the lesson planning is indispensable, for that, it is necessary scientific technical background to systematize the contents and activities, as well as to choose the method of teaching, the instruments and evaluation criteria that apply to the different classes. Thinking about the reality of the educational field, the following general objective emerged: to understand how the teachers of the literacy cycle organizes and develops their class in the process of literacy and literacy, based on the planning. The specific objectives were based on the identification and investigation of the following points: to identify the perspective of the teachers on the planning and its use; reflect the barriers and possibilities encountered by educators in developing and executing planning; to portray the conception about literacy and literacy in the view of the teachers and, finally, to analyze the organization of the class developed by the teachers in the literacy cycle. The subjects interviewed in the research were two pedagogues, both of whom teach in a municipal school in the city of João Pessoa in the class of the third year of elementary school. The research is qualitative in nature and the instruments were participant observation, semistructured interview and documentary analysis. We highlight as theoretical reference the following authors: Grossi (1990), Lucky (2008), Vasconcellos (2002 and 2000), Soares (2010), Libâneo (2013), Russo (2001), Leite (2008) among others. In the results it was possible to perceive in a classe the rare use of the lesson plan, in the other the constant use, but with a very reductionist elaboration, since it did not contemplate important elements of the lesson plan. les deux classes more than twenty students enrolled and had only eleven literate pupils, ie only half the class. Thus, this study is significant in order to reflect and reinforce the pedagogical practice as a means to search for the best ways to élaborer and execute the planning, thus increasing one of the possibilities of achieving higher literacy and literacy rates in the literacy cycle, giving new meaning to the school.

Keywords: Planning. Class plan. Literacy. Literacy. Organization of the class.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Níveis psicogenéticos dos alunos

48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940	28
Figura 2 - Exemplo da escrita da criança que se encontra no nível pré - silábico 1	41
Figura 3 - Exemplo da escrita da criança que se encontra no nível pré - silábico 2	41
Figura 4 - Ditado de palavras e frases	42
Figura 5 - Ditado de palavras e frases	43

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

CE - Centro de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LAEST - Laboratório de Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNAIC - Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

PNE - Plano Nacional de Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 Introdução.....	13
2 Conceito de planejamento.....	16
2.1 Principais tipos de planejamento do campo da educação.....	18
a) Planejamento Educacional.....	18
b) Planejamento Escolar.....	19
c) Planejamento Curricular.....	20
d) Planejamento de Ensino.....	20
e) Planejamento de Aula.....	21
2.2 As consequências da “falta” e do “uso” dos planejamentos.....	21
3 Compreensão sobre alfabetização e letramento.....	24
4 A Organização do trabalho pedagógico no processo de alfabetização.....	33
4.1 O ambiente formativo e a sua contribuição.....	36
4.2 O trabalho pedagógico a partir da literatura e outros gêneros textuais.....	37
4.3 Acompanhamento e práticas na avaliação psicogenética.....	39
5 Trajetória metodológica da pesquisa.....	44
5.1 Abordagem da pesquisa.....	44
5.2 O trabalho de campo.....	45
5.3 Instrumentos de coleta de dados.....	46
5.3.1 Entrevistas semiestruturadas.....	46
5.3.2 A observação participante.....	48
5.3.3 A análise documental.....	49
5.4 Local da pesquisa.....	51
5.5 Participantes da pesquisa.....	52
5.6 Análise de dados.....	53
6 Análise e discussão dos dados da pesquisa.....	54
6.1 Perspectiva das professoras sobre o planejamento e sua utilização.....	54
6.2 As barreiras e as possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização em elaborar e executar o planejamento.....	57
6.3 A concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras.....	61
6.4 A organização da aula desenvolvida pelas professoras no ciclo de alfabetização.....	63
7 Considerações finais.....	67
Referências.....	70
APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	74
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL.....	75
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	76
BREVE CURRÍCULO DA AUTORA.....	77

1 Introdução

O planejamento é uma reflexão que se faz a respeito dos caminhos a serem percorridos. Já o plano ou projeto é a sua transcrição em forma de documento. O ato de planejar é necessário em vários setores. Na área educacional o planejamento é uma das principais ferramentas da profissão. Os principais tipos são: planejamento educacional, planejamento escolar, planejamento curricular, planejamento de ensino e planejamento de aula.

Como graduandos pudemos constatar a relevância do planejamento na sala de aula através da sua elaboração e aplicação nas experiências das regências dos estágios supervisionados: II – Educação Infantil, III – Ensino Fundamental anos iniciais – 1º ao 3º ano e VI- Ensino fundamental anos iniciais – 4º e 5º ano. Especialmente no estágio III na sala de alfabetização realizamos a investigação dos níveis psicogenéticos dos alunos e levamos uma proposta de atividade com base nele, obtendo êxito e bom retorno da professora titular. Esses estágios são componentes curriculares do curso de licenciatura em Pedagogia e foram realizados em escolas municipais de João Pessoa.

Dessa maneira, intensificou o nosso interesse pela temática, e também pelos estudos realizados com os autores citados, bem como a culminância de um seminário que abordou esse assunto atrelado ao ciclo de alfabetização no componente de Organização e Prática do Ensino Fundamental, reforçando sua importância no desenvolvimento da *práxis* docente¹.

Diante dos seus estudos no ciclo alfabetização, referente ao plano de aula, vimos que é importante considerar uma sequência, tal como abranger fatos do dia a dia, pois ele deve ser flexível com a dinâmica da realidade para promover uma aprendizagem significativa², além de contemplar os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, pois não há turmas homogêneas. Assim, esses são alguns aspectos essenciais do plano e quando colocados em prática colaboram com o processo de ensino-aprendizagem.

Ressaltamos também o ambiente educativo que possui um papel fundamental no processo de alfabetização e letramento dos alunos. Esse precisa disponibilizar o acesso à variação de materiais como: alfabeto móvel, números, livros, jogos educativos e brincadeiras que proporcionem momentos lúdicos e prazerosos para as crianças além de contribuir com a mobilização do domínio e compreensão da leitura e escrita. A manutenção e atualização dos

¹ A palavra *práxis* é a prática que busca transformar determinada realidade a partir da sua compreensão com base na reflexão teórica, sendo assim, é preciso manter uma relação indispensável entre a teoria e a prática, pois uma sempre dá suporte à outra Vázquez (1977, p. 207).

² A aprendizagem significativa de acordo com Moreira (2009, p. 7) ocorre quando as novas informações “ancora-se” nos conceitos relevantes já existentes do indivíduo.

materiais que compõem o ambiente formativo na sala de aula podem ser realizadas juntamente com as crianças para que as mesmas se sintam responsáveis e orgulhosas por cuidar dos trabalhos expostos e dos materiais.

Sendo assim, é preciso que o educador não considere o plano apenas como uma ferramenta obrigatória, isso faz com que o mesmo perca sua essência. Se não somos capazes de reconhecer que nossa prática requer uma organização consequentemente deixaremos algo a desejar, levando assim à própria insatisfação profissional, como, possivelmente, podemos prejudicar até mesmo o desenvolvimento dos nossos alunos.

Portanto, partindo desses pressupostos, esse trabalho tem a finalidade de conduzir os indivíduos a uma reflexão sobre a realização do planejamento e o uso do plano de aula, pois, o mesmo é fundamental na organização dos conteúdos, métodos, recursos e avaliações mais adequados para cada turma que é composta por alunos com particularidades distintas.

Em relação à sua relevância acadêmica, fizemos um levantamento no Laboratório de Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão de curso (LAEST) sobre monografias relativas a essa temática. Pudemos verificar as seguintes: *Planejamento de ensino: porque tanta resistência; O planejamento na educação infantil: concepções e práticas e O ensino da leitura na alfabetização: o seu lugar no planejamento didático.*

A primeira monografia escrita por Freitas, Silva e Dias no ano de 2009 colabora na compreensão de que não basta apenas o conhecimento do planejamento e de sua relevância como ferramenta na prática docente, mas é preciso maior atenção tanto no suporte pedagógico como nas reflexões das teorias que apoiam a prática docente. Levando assim a repensar sobre o processo de ensino aprendizagem. A segunda monografia consultada de autoria de Oliveira no ano 2013 aborda a questão do planejamento na Educação Infantil, cujo trabalho foi realizado através de um estudo de caso que possibilitou a percepção dos docentes e da equipe pedagógica aos aspectos concernentes a sua organização.

Por fim, a terceira monografia da autora Flôr no ano de 2014 está voltada a leitura e o seu lugar no planejamento didático pedagógico nas escolas do Brasil. Resgata a importância dos professores de todas as áreas de conhecimento estimular a prática da leitura, e que a mesma deve ser feita de forma interdisciplinar.

Apesar de termos encontrado essa última monografia consultada com o título um pouco semelhante a nossa pois fala da leitura e planejamento, porém a mesma não se detém ao planejamento, mas sim à formação de leitores. Por isso acreditamos que nosso trabalho não deixa de ser relevante, além disso, utilizamos assuntos atuais como o letramento e o ciclo de alfabetização. Realizamos também pesquisa de campo para analisar a fundamentação teórica

com base nas observações, análise documental (plano de aula das professoras e o projeto político pedagógico) e entrevista semiestruturada.

Sendo assim, pudemos aprofundar um pouco mais e esperamos que nosso trabalho contribua para que outras pessoas possam dar continuidade à investigação sobre essa temática tão relevante na nossa área profissional.

Portanto, a questão geral da nossa pesquisa foi: como o professor no ciclo de alfabetização realiza e desenvolve a sua aula tendo como base o planejamento construído? Partindo desse problema, o nosso objetivo geral da pesquisa foi compreender como o professor no ciclo de alfabetização organiza e desenvolve a sua aula tendo base no planejamento construído. A fim de traçar pontos relevantes com nosso problema, para estabelecer maiores entendimentos, classificamos as seguintes questões:

- Qual a perspectiva sobre a realização e execução do planejamento das aulas na visão das professoras do ciclo de alfabetização?
- Quais as barreiras e possibilidades encontradas pelas professoras do ciclo de alfabetização no desenvolvimento da aula?
- Qual concepção sobre alfabetização e letramento das professoras do ciclo de alfabetização?
- De que forma é organizada e desenvolvida a aula pelas professoras no ciclo de alfabetização?

Diante dessas questões complementares, obtivemos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar qual a perspectiva das professoras sobre o planejamento e sua utilização.
- Refletir sobre as barreiras e as possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização em elaborar e executar o planejamento.
- Retratar a concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras.
- Analisar a organização da aula desenvolvida pelas professoras na classe de alfabetização.

Sendo assim, após essa introdução, nossa monografia parte da fundamentação teórica que está dividida em três capítulos: Conceito de planejamento; compreensão sobre alfabetização e letramento, e a organização do trabalho pedagógico no processo de alfabetização. Posteriormente trazemos os procedimentos metodológicos, depois apresentamos as análises dos dados coletados da pesquisa. Por fim, discorremos com as considerações finais e as referências utilizadas.

Convidamos você a mergulhar nesta leitura!

2 Conceito de planejamento

O planejamento é uma ferramenta fundamental utilizada para estabelecer objetivos. Na nossa vida, tanto pessoal como profissional, planejamos nossas futuras ações todos os dias com o propósito de efetivá-las. Ou seja, o ato de planejar faz parte da história da humanidade. Podemos encontrar na obra de Vasconcellos (2000) a seguinte consideração sobre os conceitos de planejamento:

O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

Desse modo, seu processo é composto pelo diagnóstico, pela reflexão e pela precaução. É pensar antes de agir, a fim de mudar determinada realidade de forma consciente, buscando estabelecer a execução futura, com o intuito de traçar caminhos a serem percorridos até conseguir alcançá-los. Podemos considerar como um ato da não improvisação, do não fazer de qualquer maneira, mas sim de uma ação estudada e arquitetada. De acordo com Luck (2008) nos conceitos sobre planejamento aparecem três itens frequentes.

Observa-se que nos conceitos de planejamento apresentados há, de forma explícita ou implícita, certos *elementos básicos comuns*, componentes de um processo mental único e global. Esses elementos são racionalidade, tomada de decisão e futurismo (LUCK, 2008, p.25).

Esses três elementos são principais no processo do planejamento: a racionalidade, a tomada de decisão e o futurismo. O primeiro, por sua vez, é um modelo que se utiliza do ser reflexivo e racional. Este modelo, conforme a autora citada acima, foi criado por Taylor e Fayol e é constantemente criticado, pois refere ao ser pensante que utiliza da racionalidade na busca de encontrar os melhores caminhos a partir de métodos científicos para estabelecer um caminho mais rápido, menos trabalhoso e mais econômico.

Porém, este modelo segundo Luck (2008, p.25) reduz a análise da prática meramente aos resultados desconsiderando a dinamicidade dos fatos, ou seja, é uma forma fragmentada e insuficiente para o campo educativo, pois é necessária a apreensão da totalidade do meio que estamos inseridos para assim conseguir de fato os resultados desejáveis. Entretanto, não podemos desconsiderá-lo totalmente, apesar da sua fragilidade, entendemos que não se deve

trabalhar no campo educacional apenas com ele, mas pode ser utilizado como apoio, como um ponto de partida.

O segundo modelo que é a tomada de decisão é um item crucial neste processo, pois é o subsídio para podermos alcançar nossas metas. Podemos planejar nossos maiores sonhos, mas estes não serão possíveis sem escolhas e atitudes. É como um sonho da compra de um imóvel na qual é necessária organização nas finanças, pesquisas e comparações de valores, e consequentemente a tomada de decisão, e isso requer compromisso.

No nosso cotidiano somos sujeitos a tomar decisões constantemente. A vida disponibiliza várias escolhas, e somos os responsáveis para adotá-las ou não, não podemos deixar o tempo passar e assim correr o risco de esgotar nossas opções, por isso a importância de aproveitar as oportunidades da melhor forma possível.

Já o futurismo é a etapa na qual pretende alcançar o objetivo através do planejamento, isto é, pensar numa situação futura melhor, refletindo tanto o passado como o presente. Na medida na qual pensa e se preocupa com o amanhã, consequentemente interferirá na prática presente. É uma forma de busca pelo equilíbrio, evitando assim o imprevisto. Essas são as principais etapas a serem seguidas, para chegar ao que se pretende. Isso requer investimento de tempo e dedicação para capacitação da caminhada no rumo da meta.

Sobre a qualidade geral do planejamento Luck (2008, p.53) traz a flexibilidade como uma das mais mencionadas. “A flexibilidade que nada mais é que a capacidade dos planos e projetos têm de adequar-se as mudanças surgidas durante sua efetivação, no caso são pensados e elaborados para atender situações inesperadas”. Possibilita também a reformulação a partir da avaliação.

Contudo, deve-se ter a todo instante um olhar minucioso no momento de executá-los, não permitindo submissão, isto é não deixar de lado as situações importantes daquele momento, para cumprir com o plano ou projeto fielmente. Como também, não se deve desconsiderá-lo, pois ele auxilia de forma apreciável as nossas ações.

Atualmente há certa confusão da percepção de alguns educadores, quando acreditam que planejar é a construção de planos e projetos, que por muitas vezes são vistos apenas como algo obrigatório a ser realizado. Surge, portanto, um equívoco, pois no momento em que eles compreendem desta forma, a essência do planejamento se perde devido o verdadeiro intuito que é a realização das operações mentais, ou seja, é quando o indivíduo trabalha a mente para conhecer, avaliar, presumir e resolver. Os planos, por sua vez, são registros frutos do planejamento.

Estes são os elementos das operações mentais, que consequentemente estão interligados. Não se pode considerá-los de maneira isolada. É importante salientar os objetivos de cada um, por exemplo: o que, para que, onde, com quem, etc. No ato do planejamento partindo da realidade nos leva a refletir mentalmente, conduzindo-nos a prática de atitudes presentes, para que possamos no futuro almejar nosso objetivo.

Desse modo, é necessário tempo no processo de planejamento, para uma efetiva obtenção do que se deseja. Logicamente, passamos por momentos na nossa vida, seja qual for o setor, no trabalho, em casa, e dentre outros, que utilizamos da improvisação, sejamos sensatos e honestos com nós mesmos, uma vez ou outra até funciona, porém não podemos deixar tornar algo rotineiro, isso pode levar a grandes insatisfações, e dificuldade para alcançar resultados satisfatórios, por isso a importância de planejarmos nossas ações com o objetivo de alcançarmos os resultados desejáveis.

2.1 Principais tipos de planejamento do campo da educação

A relevância do planejamento se faz presente em vários setores da sociedade, como por exemplo: na economia, na ciência, na tecnologia, na religião, na política, dentre outros e no meio educacional seu papel é fundamental. Uma vez que o desenvolvimento de determinada sociedade depende principalmente da educação, por isso, a necessidade de fazer um planejamento que possibilite a formação de sujeitos críticos, solidários e sobretudo autônomos, como parte de uma cidadania. Partindo dessa ideia, iremos descrever alguns dos planejamentos essenciais para educação.

a) Planejamento Educacional

Podemos considerar o mais global, elaborado com base nas características da população a fim de corresponder com suas necessidades. Para conceituarmos planejamento educacional utilizaremos a seguinte citação:

[...] é o de maior abrangência, correspondendo ao planejamento que é feito em nível nacional, estadual ou municipal. Incorpora e reflete as grandes políticas educacionais. Enfrenta os problemas de atendimento à demanda, alocação e gerenciamento de recursos, etc (VASCONCELLOS, 2002, p.95).

Este planejamento busca atender de maneira tanto macro como micro a coletividade da sociedade e as especificidades dos indivíduos, identificando as dificuldades e limitações da

realidade do sistema educacional para assim instaurar medidas e objetivos a serem traçados através de ações e estratégias. Portanto, contribuindo de forma significativa com a melhoria da educação. Permitindo, assim, aos professores a viabilização do desenvolvimento da sistematização metodológica dos conteúdos curriculares.

Sobre o Planejamento Educacional da União, que resulta na culminância do Plano Nacional de Educação (PNE), é composto por metas a serem atingidas pelas escolas. Este projeto foi apresentado no ano de 2010 e aprovado para o decênio de 2011 a 2020 estabelecendo vinte metas na qual iremos destacar a meta 5:

Alfabetizar todas as crianças até, no máximo, os oito anos de idade. Estratégias: 5.1) Fomentar a estruturação do ensino fundamental de nove anos com foco na organização de ciclo de alfabetização com duração de três anos, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano.

Quando os ciclos de alfabetização são instalados na instituição a reprovação só poderá ocorrer no final de cada ciclo, caso o estudante não consiga obter os requisitos para aquele determinado ciclo. No caso do primeiro, a criança passa a ter 3 anos para alfabetizar-se, considerando a alfabetização como um processo contínuo possível de ser adquirido no decorrer dos 600 dias letivos.

b) Planejamento Escolar

É o planejamento geral da escola, deve ser elaborado por toda a equipe, construído a partir dos seguintes elementos: diálogos, reflexões, tomadas de decisões sobre organização, exercício e propostas pedagógicas. Na sua definição se faz indispensável à participação desde a gestão escolar, professores, funcionários, alunos, até mesmo aos pais (responsáveis). Diante da citação de Vasconcellos (2002) o planejamento da escola refere-se ao Projeto Político-Pedagógico.

[...] trata-se do que chamamos de Projeto Político-Pedagógico (ou Projeto Educativo), sendo o plano integral da instituição. Compõe-se de Marco Referencial, Diagnóstico e Programação. Envolve tanto a dimensão pedagógica, quanto a comunitária e administrativa da escola (VASCONCELLOS, 2002, p.95).

O planejamento escolar é pensado de acordo com a realidade da sociedade, e construído com o conhecimento científico, a fim de atingir o propósito do sistema educacional, envolvendo tanto a parte pedagógica, e administrativa da instituição, como também as demandas da comunidade.

Em consonância com as ideias da autora Haydt (2011) durante o processo do planejamento geralmente são estabelecidas as seguintes estruturas de base: sondagem e diagnóstico da realidade da escola; perfil da sociedade e dos alunos; verificação dos recursos humanos e materiais disponíveis; avaliação da escola geral (percentual de reprovação, aprovação, vasão, e etc.). Esses são os elementos que mais são considerados no decorrer do planejamento.

c) Planejamento Curricular

De acordo com Vasconcellos (2002):

O Planejamento Curricular é a proposta geral das experiências de aprendizagem que serão oferecidas pela escola, incorporada nos diversos componentes curriculares. Da espinha dorsal da escola, desde as séries iniciais até às finais (VASCONCELLOS, 2002, p.95).

Ele é uma proposta global, elaborado especificamente por cada instituição do sistema público de ensino, tendo como base o princípio geral do sistema, construído a partir de saberes pedagógico e conhecimento da sociedade, determinando os objetivos gerais e a estimativa dos conteúdos que serão trabalhados nos componentes curriculares, e buscando fazer uma ligação dos assuntos estabelecidos. Isso contribuirá na ação do educador.

d) Planejamento de Ensino

Este planejamento é produzido pelo professor, determina os objetivos específicos dos componentes, estipulando os procedimentos, recursos e maneiras de avaliação que contribuam para o processo de ensino – aprendizagem dos alunos.

O plano de ensino é um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre. É denominado também plano de curso ou plano de unidades didáticas e contém os seguintes componentes: justificativa da disciplina em relação aos objetivos da escola; objetivos gerais; objetivos específicos, conteúdo (com a divisão temática de cada unidade); tempo provável e desenvolvimento metodológico (atividades do professor e dos alunos) (LIBÂNEO, 2013, p. 257).

Podemos classificá-lo como um planejamento de longo prazo, o qual busca construir uma ponte dos componentes em relação às expectativas determinadas pela escola, os assuntos que serão trabalhados, e a estimativa do tempo preciso para ações do educador e dos

educandos, para assim, constituir um roteiro o qual será composto pela explicação desta ligação.

e) Planejamento de aula

Por fim, o planejamento de aula traz de maneira minuciosa os procedimentos do plano de ensino, nele há o detalhamento do procedimento de ensino, os recursos que serão utilizados e o tipo de avaliação determinada para cada aula. Assim, nos esclarece o estudioso Libâneo (2013, p. 267) “O plano de aula é um detalhamento do plano de ensino. As unidades e subunidades (tópicos) que foram previstas em linhas gerais são agora especificadas e sistematizadas para uma situação didática real”.

Para que o educador possa se sentir mais seguro na ministração de uma aula é preciso que ele estude os conteúdos e organize de maneira ordenada as atividades e métodos para sua execução. Aplicar um diagnóstico para identificar a realidade dos níveis de aprendizagem em que se encontram os alunos, tendo isso e conhecimento dos seus saberes prévios como ponto de partida no processo de aprendizagem. É impossível proporcionar uma aula qualitativa sem esses dois aspectos.

2.2 As consequências da “falta” e do “uso” dos planejamentos

Usaremos a frase “cair de paraquedas numa sala de aula”, sem planejamento, consequentemente sem os materiais didáticos adequados e sem a informação dos saberes dos alunos e ter que dá continuidade aos conteúdos. Isso prejudica tanto os alunos, pois proporciona uma aprendizagem mecânica devido a insegurança do educador, desestimulando os discentes, como também afeta o interior do profissional, sentindo-se incapaz, isto é, quando este é um dos que cumprem com seu papel na sociedade.

Além da dedicação de sistematizar o planejamento é fundamental ter o comprometimento de operá-lo. Como nos afirma a estudiosa Luck (2008, p.50) “de nada vale o empenho em programar, se não for direcionado pelo empenho em agir”. Ou seja, partimos da preocupação em agir, pois nada vale a sua programação se não for efetivada.

É claro que nem tudo que foi planejado para aquela hora ou até mesmo para aquele dia será possível de ser executado, e dependendo de como os alunos estão respondendo às expectativas esperadas, o professor deve sempre ter outra “carta na manga” o que podemos

chamar de “plano B” e se este vier a não dar certo terá que partir para o “plano C” e assim sucessivamente. É o que nos afirma Libâneo (2013, p. 250) “É preciso, pois, que os planos estejam continuamente ligados à prática, de modo que sejam sempre revistos e refeitos”. Ou seja, planejar no processo de ensino é estar a todo instante aberto a novas mudanças. Como também ser um eterno pesquisador como afirma Freire (1996):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago, pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 32).

O autor acima mencionado nos conduz a reflexão sobre o compromisso do educador, de estar atualizado neste processo, no qual a globalização se faz notoriamente presente. O interesse pela pesquisa atraída através da indagação de determinados conteúdos curriculares ou problemáticas do contexto social se faz indispensável no exercício docente. É preciso perceber a importância e necessidade de uma pesquisa, para assim, revisar seu plano, e até mesmo refazê-lo com mais segurança.

Esta ação é feita por alguém que realmente se preocupa com a aprendizagem significativa dos seus alunos. Na prática docente é necessário que o educador tenha empenho com o aspecto qualitativo de uma aula do que o quantitativo, pois o que realmente importa é o que o aluno conseguiu de fato aprender.

Não estamos com isso querendo afirmar que o professor não precisa cumprir com o currículo escolar, mas que ele esteja atento a todo instante se seus alunos em geral estão conseguindo acompanhar as expectativas. Os profissionais da educação não podem atropelar o tempo que os alunos precisam para refletir e assimilar o conteúdo e posteriormente apropriar-se dele, pois cada um de nós precisamos desse tempo, seja criança, adolescente, adulto ou idoso.

Somos cientes que há vários fatores que dificultam tanto o planejamento como seus frutos (plano e projeto), são eles: a baixa remuneração, a repetição do mesmo plano dos anos anteriores, a confiança na experiência em sala de aula e que se acredita que não necessita de plano, e as vezes a carga horaria que não é pensada a favor da elaboração do plano, dentre outros.

Diante da leitura o tema o planejamento no ciclo de alfabetização disponível no site do programa salto para o futuro, da consultora Leite (2013) traz uma contribuição:

[...] o planejamento deve ser dinâmico e interdisciplinar, elaborado coletivamente com crianças e professores de todas as turmas do Ciclo da Alfabetização, de forma a integrar suas vivências e saberes, assegurar a organicidade do processo e a oferta de experiências significativas (LEITE, 2013, p.4).

Isto é, o planejamento deve corresponder com a característica do campo educacional que é bastante dinâmico, e ser construído de maneira participativa no qual tanto os docentes quanto os discentes possam contribuir através dos seus conhecimentos para assim tornar o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso.

É preciso que o professor esteja aberto a transformações solicitadas a partir das demandas. Fazer a ligação das áreas de conhecimento, não priorizando apenas a disciplina de Língua Portuguesa. Permitir e aceitar opiniões construtivas dos alunos, como também dos colegas de profissão, pois no ciclo de alfabetização é crucial que o professor do ciclo (ou ano) anterior repasse sua avaliação diagnóstica, para assim ajudar ao discente atual. As relações através de bons diálogos entre todos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem é fundamental. Aqui são oportunas as palavras de Leite (2013):

Diante do exposto, busco defender um planejamento que não apenas valorize, mas também favoreça o diálogo entre os diversos campos do saber, considerando a criança em sua plenitude: suas potencialidades, saberes anteriores, interesses e formas singulares de estar e agir no mundo (LEITE, 200, p.9).

Deste modo, o planejamento a princípio precisa ser formado com o cuidado dos conhecimentos prévios dos alunos, do meio ao qual estar inserido, e que envolva nas suas dimensões: os interesses das crianças, e suas subjetividades, pois cada indivíduo possui desejos e habilidades distintas.

Portanto, esses elementos são indispensáveis na prática docente, pois só assim poderá estabelecer atividades diversificadas, desafiadores e em alguns momentos dinâmicas, respeitando dessa forma o ritmo de aprendizagem de seus educandos, e os levando ao encantamento do conhecimento, tornando assim a aprendizagem significativa.

Diante dos pressupostos da relevância do ato de planejar em todas as esferas da vida, e principalmente no meio educacional que colabora diretamente com processo de alfabetização das crianças, pois quando o professor conhece as dificuldades de seus alunos e planeja sua aula com objetivo de ajudá-los a superá-las torna o processo de alfabetização mais eficaz, não só a alfabetização em si como também o processo de letramento que discutiremos a seguir.

3 Compreensão sobre alfabetização e letramento

Letramento é um termo recente no campo educacional brasileiro, segundo Soares (2010, p. 34) “o termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele” Desde modo, alguns professores ainda têm dificuldades ou até mesmo não sabem a diferença entre os conceitos de alfabetização e letramento. Para compreendermos com mais clareza esta distinção, iremos partir da história da alfabetização no Brasil, e posteriormente o surgimento do termo letramento.

A princípio a educação no Brasil no período colonial durante o século XVI e XVII foi o contexto de uma intensa exploração dos portugueses sobre o território dos índios. A Coroa Real procurou ajuda da Companhia de Jesus para catequizar o povo nativo. Sobre isto, Silva (1998) destaca:

Diante de uma política determinada de educação desenvolvidas pelos jesuítas no sentido de nomear, identificar, controlar e gerir os homens em sociedade, só é possível ver-ler as "evidências" da precariedade cultural do povo, a sua inaptidão para as coisas das artes e da ciência, e a do distanciamento da educação da vida do povo (SILVA, 1998, p. 154).

A intensão de trazer os jesuítas para o Brasil foi para cooperar com interesses do governo de Portugal. Primeiramente precisaram ensinar aos índios a Língua Portuguesa, contribuindo com a comunicação verbal, como objetivo de transformar a cultura dos índios através do dogma religioso para a conformidade da subordinação, através do discurso de torná-los civilizados de acordo com o modelo cultural e social europeu, aprendendo costumes dos brancos, e incorporando nos seus hábitos o aspecto da produtividade e do trabalho.

Além de contribuir com os interesses do governo, esta ação deu base à estrutura educacional brasileira. Mais adiante durante o período da escravidão os jesuítas são conduzidos para o ensino de caráter educativo para os filhos dos nobres. Nessa fase é perceptível o quanto a educação estava relacionada ao poder aquisitivo, ou seja, à classe social.

Logo no século XIX, de acordo com Saviani (2007) em meados dos anos 1827 a câmara dos deputados do Brasil opta pelo projeto de “Escola de Primeiras Letras” no dia 15 de outubro, que continha no seu currículo o domínio dos conteúdos de duas disciplinas de língua portuguesa (ler, escrever e a gramática da língua) e matemática (as quatro operações da

aritmética e noções geométricas). Referente a isso, Saviani (2007, p.126) também acrescenta que esta medida “Tratava ela de difundir as luzes garantindo, em todos os povoados, o acesso aos rudimentos do saber que a modernidade considerava indispensável para afastar a ignorância”.

Esta modernidade é caracterizada pelo iluminismo, que vislumbrava o progresso do capitalismo com a finalidade de alfabetizar a camada popular livrando-os da “ignorância”, saindo da “escuridão” em busca da luz, propondo uma educação laica, gratuita e obrigatória. Implementa, portanto, o método de ensino mútuo, no qual os alunos considerados mais desenvolvidos exerciam o papel de “monitor” auxiliando o educador em sala de aula. O professor tinha um lugar mais alto na sala de aula, onde tinha uma visão maior de toda a turma, fiscalizando o comportamento e aprendizagem de todos os alunos inclusive dos monitores, tendo como princípio a memorização dos conteúdos.

Valorizava-se a disciplina, não admitia conversas paralelas havendo punições severas para quem não cumprisse essas normas, pois segundo Lancaster um dos criadores deste modelo de ensino o aluno não tinha como aprender sendo indisciplinado. Essa foi uma maneira de incluir várias pessoas no processo de ensino de forma econômica para o governo.

No final do império no Brasil a educação passa a ter mais relevância, pois com a Proclamação da República quando surgem outros interesses, como nos afirma Mortatti (2006, p.02) “No âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social”.

Portanto, a questão do analfabetismo começa a ter maior destaque nacional, pois com o crescimento da industrialização desde o século XIX, e o avanço da tecnologia se faz indispensáveis pessoas capacitadas para manipulação das máquinas, para assim colaborar com o crescimento socioeconômico do país. Aumentando de maneira considerável, os discursos sobre a insuficiência da escola, pois fornecia com pouca qualidade apenas um ensino elementar.

Diante da expansão da educação já no século XX vai dando início as novas concepções sobre a alfabetização. Freire, um dos renomados estudiosos da educação através da sua obra “a importância do ato de ler: três artigos que se completam”, menciona:

[...] processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1921, p. 9).

Neste contexto surge a comparação entre a pedagogia tradicional e o construtivista. Freire (1920) enfatiza sobre a criticidade no ato da leitura, que conduz a inteligência do homem, dá ênfase a valorização dos conhecimentos do sujeito e do contexto no qual está inserido durante o processo de aprendizagem. Com isso, no decorrer do tempo surgiram outras formas de analisar o processo de alfabetização, de tal modo resultou em novas nomenclaturas.

Desta maneira, partimos para o seguinte termo na alfabetização, o “analfabetismo funcional” relativo a pessoa que apesar de saber ler e escrever não consegue compreender textos simples e nem realizar operações matemáticas mais complexas, como afirma Albuquerque (2007):

No que diz respeito à alfabetização especificamente, surge o conceito de “analfabetismo funcional” para caracterizar aquelas pessoas que, tendo se apropriado das habilidades de “codificação” e “decodificação”, não conseguiam fazer uso da escrita em diferentes contextos sociais (ALBUQUERQUE, 2007, p.16).

Entretanto, diante dos avanços econômicos nasce esse novo conceito da alfabetização, em que algumas pessoas que tiveram acesso à educação não tinham aptidão para utilizar esta ferramenta da leitura e escrita em consonância com as exigências do seu cenário social, ficando difícil evoluir o conhecimento e desenvolver tais habilidades. A partir desse fato dá início ao conceito de letramento. De acordo, com Soares (2010):

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprendem a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais *grafocêntrica*), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e escrever (SOARES, 2010, p.45).

Portanto, aprofundam-se os estudos na questão da carência de apropriação da aprendizagem, isto é, a defasagem de uma grande quantidade de pessoas que não conseguem utilizar os conhecimentos de forma literária.

Segundo Soares (2010, p.16) o ser letrado perante o dicionário é aquele “versado em letras, erudito” e o não letrado é aquele que não conhece o campo literário, como também o quase analfabeto ou até mesmo analfabeto”.

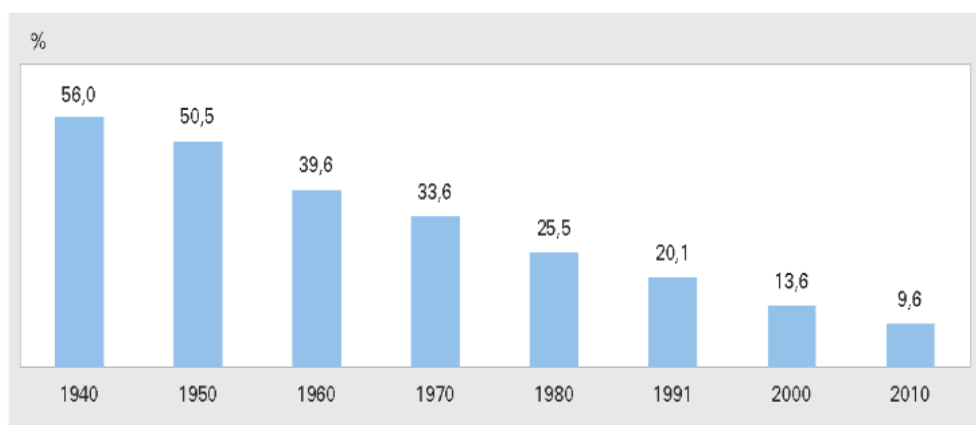
Contudo, é essencial esclarecermos que apesar do indivíduo ser analfabeto não significa que ele não seja letrado, de acordo com as considerações de Soares (2010) “uma última inferência que se pode tirar do conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento)”.

Perante este conceito de letramento o sujeito que é analfabeto, mas que possui na sua prática uma leitura apurada dos fatos sociais sejam eles: políticos, econômico, culturais, etc., apesar de não serem alfabetizados, mas buscam ajuda de outros indivíduos seja na leitura de um cartaz, livro, etc., e refletem para si uma posição de caráter de percepção de sua realidade, e até mesmo do mundo.

Fazendo uma reflexão acerca das dificuldades que algumas pessoas possuem ao adentrar no mundo letrado, imaginamos as que têm maiores barreiras pelo caminho neste universo, como os sujeitos analfabetos. Sendo assim, é imprescindível maiores investimentos na busca da emancipação dos indivíduos, muito se fala na formação de cidadãos, podemos encontrar esta frase nos projetos políticos pedagógicos das escolas, como também nos diálogos dos profissionais da educação, porém acaba se tornando num diálogo que não condiz com a prática.

Sobre a taxa de analfabetismo é interessante analisarmos os avanços. Com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Figura 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Podemos observar entre cada dez anos de coleta de dados as taxas de pessoas analfabetas vêm tendo um declínio e chega ao ano de 2010 com apenas 9,6%. Contudo ao

fazemos uma análise crítica em relação ao progresso da alfabetização entre cada dez anos notamos que os menores percentuais da diminuição da quantidade de pessoas que não sabem ler nem escrever é entre os anos de 2000 a 2010 tendo avançado apenas 4%, depois vem as décadas de 80 a 90 com 5,4%, década de 40 e 50 com 5,5, e o que teve o maior percentual, ou seja, o maior avanço contra o analfabetismo foi entre os anos de 1950 a 1960.

Apesar da criação da Lei nº 9.394 de 1996 que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN que contempla o Art. 2º:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Podemos perceber que apesar da educação ser responsabilidade da família e do Estado tendo como objetivo a formação de cidadãos para que possam desfrutar dos seus direitos cívicos e político, nos encontramos em um cenário que ainda possui uma quantidade significativa de pessoas analfabetas.

Com isso, surge nos diálogos dos profissionais da educação discussões sobre qual seria o melhor método de alfabetização. Sabemos que são vários métodos, mas iremos destacar dois mais citados que são: sintético e analítico. Podemos assim exemplificar o método sintético como o que começa da parte para o todo como nos afirma Mortatti (2006):

[...] métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade (MORTATTI, 2006, p. 5).

Diante disso, o alfabético é a exposição das letras para que as crianças possam apreciar. O fônico enfoca os sons das letras para que a elas consigam através da audição identificá-las, e o da silabação que tem como finalidade que elas compreendam a junção das sílabas para assim formarem palavras. Ou seja, o método sintético parte do mais simples para o complexo. Entretanto, o analítico é o inverso, vem trabalhando através de pequenos textos, posteriormente frases até chegar nas suas fragmentações.

Referente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental atualmente passou por uma mudança, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Art.4º “I- a educação

básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17(dezessete) anos de idade” [...] dividida da seguinte forma: pré-escola; ensino fundamental, ensino médio.

Em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013 para o Ensino Fundamental de nove anos, o Ensino Fundamental é definido da seguinte maneira:

O Ensino Fundamental, de frequência compulsória, é uma conquista resultante da luta pelo direito à educação travada nos países do ocidente ao longo dos dois últimos séculos por diferentes grupos sociais, entre os quais avultam os setores populares (BRASIL, 2013, p. 105).

Sendo assim, a finalidade da obrigatoriedade do Ensino Fundamental, é contribuir para que os sujeitos possam exercer a cidadania, isto é possibilitar que os indivíduos possam desfrutar em sua plenitude dos seus direitos civis, políticos e sociais. Este grau de ensino era destinado para crianças e jovens com idades entre sete a quatorze anos de idade, depois surge à implementação do Ensino Fundamental de Nove Anos, passando, portanto, a garantir este grau de ensino para todas as crianças de seis a quinze anos.

Diante desta nova configuração do Ensino Fundamental, de acordo com Ministério da Educação, os três anos iniciais compõe o ciclo de alfabetização e letramento, não podendo haver descontinuação, é o que sugere as novas diretrizes curriculares nacionais.

Sobre a leitura do tema: Currículo no ciclo de alfabetização da primeira edição temática de 2013 do Salto para o Futuro com a consultoria Ramos (p.5) “é preciso o desenvolvimento de um currículo que leve as crianças a dominar os princípios alfabéticos e compreender como se estrutura esse sistema de escrita”, quer dizer, estruturar o currículo levando em conta a dominação das crianças nos fonemas, morfemas e grafemas, buscando dá significado do ato da leitura e escrita. Sobre o ciclo de alfabetização encontramos a seguinte definição de acordo Ramos (2013):

O momento escolar da alfabetização encontra-se com um tempo de desenvolvimento infantil que é heterogêneo, próprio e apropriado, depende de fatores individuais, sociais, culturais e pedagógicos a serem trabalhados sem a cultura da penalização pelas reprovações e retenções, sem que isso dispense as retomadas com a conscientização da criança de que precisa aprender mais e melhor (RAMOS, 2013, p. 14).

Entendendo que a inserção do modelo do ciclo de alfabetização nas escolas venha contribuir com o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, primeiro porque vemos a reprovação como algo negativo, principalmente para as crianças, pois acreditamos que a

retenção pode ser um transtorno para elas, não acompanhar sua turma e estudar os mesmos conteúdos ao longo de um ano gera um sentimento de incapacidade.

Acreditamos que a divisão em categorias (excelente, bom, regular) dos alunos através das suas notas colabora com a falta de estímulo da aprendizagem, até porque na maioria das vezes até mesmo o instrumento de avaliação já vem equivocado, como por exemplo, um teste avaliativo igual para todos os alunos da sala.

É imprescindível que os professores compreendam que cada criança possui peculiaridades específicas. Além disso são crianças, ou seja, é necessário respeitar essa fase única e passageira da vida, que precisa ser considerada, possibilitando assim que elas aproveitem das virtudes desta fase, mas sempre as conscientizando dos seus compromissos com seus estudos.

Existem alguns professores com comportamentos “ditatoriais” que mais veem à criança como uma máquina, não respeitando seu tempo, sua fase, seus momentos de angústias, e suas inquietações. Educadores que se preocupam mais com o reconhecimento de uma gestão autoritária e não democrática, esquecendo-se do seu papel político pedagógico, e da essência da infância, atropelando momentos importantes da vida das crianças para cumprir com as demandas dos conteúdos obrigatórios, com planos não flexíveis.

Alfabetizar vai além do domínio de certas habilidades, como a compreensão de textos e resoluções matemáticas, vai ao encontro com a “solidariedade profissional”, pois como podemos querer formar pessoas solidárias se não conseguimos mostrar essas ações no nosso currículo oculto³ dentro da sala de aula? O professor carrega consigo um importante papel na formação dos indivíduos, já que muitas vezes são os espelhos dos seus alunos.

Esses aspectos mencionados são positivos na instauração do modelo de ciclo, entretanto é importante que as professoras se aliem entre si, desde o início do primeiro ano, não atropelando esses princípios. Mas, infelizmente, há tantos profissionais que não cumprem com seu papel político pedagógico, deixando as responsabilidades deste dever para os seus colegas dos próximos anos, sem efetuar um trabalho que proporcione uma educação de fato e isso pode colaborar para grandes dificuldades no desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Entender que aquela sala de aula é formada pela heterogeneidade dos alunos, onde cada um carrega consigo diferentes aspectos seja social, cultural, econômico e etc. Isto é, investigar a vida do educando, procurando conhecê-lo, assim possibilitará ao profissional a compreensão

³ “O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explicito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2010, p. 78).

de suas dificuldades, levando a criar estratégias para incluí-lo de maneira eficaz no processo de aprendizagem.

Tendo como exemplo, uma criança que convive em um ambiente familiar onde é proporcionado momentos de leituras e reflexões, e outra criança que não dispõe deste privilégio e que ainda passa por graves problemas familiares. A apropriação do universo da alfabetização ligada ao letramento será mais fácil para esta que o contexto contribui, do que a outra que não tem acesso fora da escola a esses momentos tão importantes na contribuição do seu desenvolvimento.

As relações de proximidade de professores com alunos, conta bastante no processo de alfabetização, pois o aluno ao perceber o seu valor naquele ambiente se sente aconchegado e logo se entusiasma para aprendizagem significativa. Isso é seu ponto de partida para trilhar um caminho de sucesso no campo educacional, como também na vida pessoal, ele precisa do apoio e cuidado dos profissionais da educação, principalmente dos seus professores.

Com base nestes pressupostos e com a nossa experiência na formação inicial em Pedagogia, nos componentes de estágios supervisionados obrigatórios, percebemos que há uma quantidade considerável de profissionais que desconsideram a interdisciplinaridade como meio de trabalhar no processo de alfabetização.

Encontramo-nos em um cenário onde o ensino necessita de mudanças urgentes, pois apesar da adesão ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) um compromisso afirmado pelos governantes, para garantir que as crianças com oito anos de idade do 3º ano do Ensino Fundamental estejam alfabetizadas. Contudo, diante da entrevista dada no ano de 2016 ao programa Salto Para o Futuro o ministro da educação José Mendonça Bezerra Filho, afirma que apesar dessa medida, não houve grande mudança no quadro, “apenas 11% das crianças do terceiro ano do ensino fundamental têm plenitude na compreensão de texto e na escrita”, ou seja, de acordo com as informações do ministro as 89% não estão realmente alfabetizadas.

Diante desse dado podemos fazer a seguinte reflexão: onde erramos, e onde precisamos melhorar? Se todos governantes realmente estivessem preocupados com a educação, e investissem mais na educação, criassem políticas públicas, valorizando os profissionais da área, dentre outros pontos que viessem contribuir com a melhoria da educação, e buscassem de fato “erradicar” com o analfabetismo no país. Quando buscamos respostas para essa problemática podemos encontrar no livro de Freire (1974) *Pedagogia do Oprimido*, uma explicação possível deste fato, quando ele cita:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1974, p.5).

A leitura e a escrita trazem o poder de aquisição de saberes, o indivíduo possui maiores possibilidades da conscientização e apropriação dos seus direitos, essa é uma forma de sair do modo de alienação. Será esse motivo da falta de investimento na educação por parte dos líderes políticos? Apesar disso, os educadores precisam se comprometer com a educação, buscar realizar seu planejamento não por obrigação, mas sim, por consciência, pois ele é seu auxílio na sua prática, e o executar com prazer, certamente contribuirá com o avanço da educação.

Não é com a inclusão do Ensino Fundamental para nove que levará a melhoria na educação como afirma os estudiosos Moreno e Paschoal (2009, p.43) “Entendemos que não é o aumento de tempo de permanência na escola que fará com que a criança tenha acesso aos bens culturais da humanidade, mas a qualidade do trabalho que é desenvolvido com ela na sala de aula, independentemente do nível de ensino”. Assim, o que realmente importa não é o aspecto quantitativo, mas sim a qualidade da prática docente, organizando e sistematizando ações que envolvam as crianças para que elas sintam pertencentes a uma sociedade, a uma cultura.

4 A organização do trabalho pedagógico no processo de alfabetização

Antes de pensar no trabalho direcionado ao processo de alfabetização é necessário que as escolas que ofertam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental respeitem a fase da infância, principalmente os alfabetizadores. Buscando, tratá-las de acordo com as especificidades da sua idade, não permitindo assim o atropelo desta etapa.

Com base no texto “Ensino Fundamental de Nove Anos”, que tem como organizadores Brandão e Paschoal (2009) sempre existiu criança, ao contrário do termo infância que surge no século XVII e XVIII. A criança era considerada apenas como reprodutora de conhecimentos, isto é, eram vistas como indivíduos que não possuía nenhum conhecimento, já a infância como um período de preparação.

Felizmente com o passar do tempo houve mudanças nessas concepções, na qual passou a enxergar que as crianças possuem sim conhecimentos que trazem da sua vida social fora do espaço escolar e que além de serem aprendizes, podem também construir o conhecimento junto com seus colegas e professor. E por fim, a infância que passa a ser entendida não apenas como um preparativo, mas como uma fase importantíssima para o sujeito. Conforme mostra Moreno e Paschoal (2009) no documento do Ensino Fundamental de Nove Anos:

A infância que desejamos para nossas crianças é uma infância de direitos: direito a uma qualidade de vida melhor, direito de pertencer a uma família, direito de ter moradia e alimentação, direito de receber uma educação de qualidade desde o nascimento, enfim, direito de viver plenamente a infância. Nossa militância é pelo direito de a criança desfrutar o ócio, de brincar e de sonhar (MORENO; PASCHOAL, 2009, p. 41).

Sendo a criança provida de tantos direitos, direito de vivenciar de fato a infância, sabemos que na prática isso não ocorre de fato para algumas. Muitas crianças ainda são vistas como incapazes e também na maioria das vezes sua fase de infância não é respeitada tanto pela sociedade como pelos profissionais da educação.

Encontramos na música Bê-a-Bá do compositor Toquinho uma crítica quando destaca as condições impostas pela sociedade relacionada a esta fase da vida, na seguinte parte da música: *“quando a gente cresce um pouco é coisa de louco o que fazem com a gente: tem hora pra levantar, hora pra se deitar, pra visitar parente. Quando se aprende a falar, se começa a estudar, isso não acaba nunca. E só vai saber ler, só vai saber escrever quem aprender o bê-a-bá”*.

Alguns professores se preocupam tanto em alfabetizar os alunos precocemente que acabam esquecendo que são crianças. Porém, quando há profissionais competentes e com boa base de formação inicial para debater este aspecto com firmeza, tendo o domínio da relevância da infância que deve ser realmente vivenciada, culmina nos direitos das crianças de viver seu tempo, sem a sobrecarga de tarefas de classe e de casa. Sobre a organização do trabalho pedagógico Libâneo (2013) afirma:

Na escola, aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transforma as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas (LIBÂNEO, 2013, p.195).

Com o intuito que o educando possa desenvolver essas características é preciso que haja organização no trabalho do docente principalmente ao tocante da ministração da aula, e até mesmo na sua preparação, ou seja, ao planejar o plano de ensino e de aula, é preciso ter o cuidado no início de cada conteúdo para não fazer cobranças de assuntos que não foram trabalhados, ou torná-lo repetitivo demais, o processo de ensino precisa deste equilíbrio, partir dos conteúdos simples para os mais complexos.

Referente às dificuldades detectadas no processo de ensino-aprendizagem se faz imprescindível que o docente saiba conduzir o aluno para que ele possa encontrar sentido no que se estuda. De acordo Charlot (2013):

Só aprende quem tem atividade intelectual, mas para ter uma atividade intelectual, o aprendiz tem de encontrar sentido para isso. Um sentido relacionado com o aprendizado, pois, se esse sentido for completamente alheio ao fato de aprender, nada acontecerá [...] Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender. Quando digo “prazer” não estou opondo prazer a esforço (CHARLOT, 2013, p.159).

Deste modo, manter um olhar minucioso com os educandos, para assim conseguir identificar por meio da análise se os alunos estão conseguindo acompanhar os conteúdos, seja através de sinceras confissões verbais, ou até mesmo de expressões faciais e na maneira como se comporta e assim ajudá-los a constatar esse prazer que irá conduzi-lo ao interesse e entendimento pelo fato de aprender. Só assim ele poderá iniciar sua atividade intelectual interna, caso não a tenha.

Outra questão relevante levantada por Charlot (2013, p. 172) é que na prática docente um dos maiores erros é naturalizar o aluno, ou seja, classificá-lo com adjetivos negativos, pelo fato do mesmo não querer estudar, esta atitude é desumana. Por fim, para o autor é preciso

despertar neste aluno a mobilização intelectual que surge através de sua relação com o saber, com as outras pessoas e com o mundo, é encontrar sentido na aprendizagem.

O espaço físico, tanto de algumas escolas privadas menores, como das públicas não contribuem para que estas possam desfrutar de forma prazerosa a aprendizagem, através de brincadeiras, interação com o meio ambiente entre outros. Ou seja, que possam vivenciar experiências significantes.

Além de respeitar e valorizar a fase da infância, o trabalho dos alfabetizadores deve englobar outros aspectos imprescindíveis principalmente com a ampliação do ensino fundamental para nove anos. Por exemplo, a acolhida destas crianças possui um papel fundamental, como declara Nascimento no documento do Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade (2007, p.30) “O nome, a proximidade, o olhar, o toque, a proposta do brincar: elos que abrem possibilidades de continuidade, elementos essenciais para a inserção e o acolhimento”.

O indivíduo até mesmo ao ser chamado pelo nome faz com que se sinta importante, portanto o cuidado deve estar atrelado ao ato de ensinar. O brincar também possui um importante papel no processo educativo como afirma Borda (2007):

Os estudos da psicologia baseados em uma visão histórica e social dos processos de desenvolvimento infantil apontam que o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem. De acordo com Vygotsky (1987), um dos principais representantes dessa visão, o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (BORBA, 2007, p.35).

Alguns educadores ainda consideram a brincadeira como pura perda de tempo, sem ter conhecimento ou entendimento do quanto ela pode contribuir com aprendizagem dos sujeitos, principalmente das crianças. Abrange várias dimensões como: a criatividade do improviso de objetos, ou até mesmo de novas regras, a maneira como lida com a brincadeira colabora para obter-se maiores informações sobre a criança etc.

Incluir esses aspectos mencionados anteriormente contribui para que a criança se sinta bem, mesmo se estiver em um novo ambiente. Conhecer o aluno, buscando saber suas experiências, sua realidade e propor atividades de acordo com sua peculiaridade faz com que ele tenha maior segurança.

Sendo assim, o ato de ensinar está inteiramente relacionado ao cuidar, é através da afetividade que a criança vai desenvolvendo suas habilidades mais seguras. Como também um ambiente aconchegante que ela possa se sentir parte dele.

4.1 O ambiente formativo e a sua contribuição

O ambiente educacional possui um papel fundamental na aprendizagem das crianças, pois ele pode tanto colaborar como inibir no seu desenvolvimento, podendo favorecer o ensino-aprendizagem quando o professor tiver o interesse em organizá-lo. Em consonância com a autora Assis no texto sobre ambiente formativo (2013, p.13) “Muitos educadores, apesar dos espaços não serem os ideais, com imaginação, criatividade e sensibilidade, e entendimento a criança como sujeito, (re) constroem com elas a configuração desses espaços”.

No ato de ensinar requer criticidade do profissional como destaca Freire (2011, p.33) “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Mesmo com a falta de recursos didáticos necessários na sala de aula, e até mesmo na escola, o docente não pode permanecer numa posição passiva.

Quando este de fato tem o interesse e compromisso, utiliza-se da criatividade junto com seus alunos, como por exemplo, reutilizar materiais de sucatas como tampas de garrafa pet para construir junto com os alunos um alfabeto móvel, confecção de uma dama com caixa de sapato e tantos outros objetos que podem ser criados através da imaginação. Transformando assim o espaço em um lugar mais agradável.

A organização do ambiente escolar deve ser feita junto com os alunos, para que eles possam sentir como sujeitos integrantes do espaço. O mural do alfabeto, dos números e textos deve estar numa posição coerente com altura dos alunos. O calendário do ano enfatizando as datas de aniversário dos alunos.

Trabalhar a lista de chamada em sala de aula é de suma importância durante o percurso de aquisição da leitura e escrita, como declara Russo (2001):

A primeira preocupação no processo de alfabetização deve ser a de procurar trabalhar com elementos significativos para o aluno e sabemos que o que tem mais significado para uma criança é seu próprio nome, seu nome próprio, que a identifica e lhe dá identidade (RUSSO, 2001, p. 53).

Partindo de algo que tenha significado e seja interessante para o aluno, o seu nome pode ser trabalhado de diversas maneiras, como por exemplo, a criação de crachás, com ele os alunos passam a reconhecer as letras do alfabeto, conseqüentemente à assimilação das sílabas contidas no seu nome, que quando estimulados podem criar novas palavras, também contribui com a concepção da linguagem matemática, quando questionados quantas letras compõe o

seu nome, além de poder solicitar que as crianças formem gráfico de acordo com a letra inicial do nome, dentre outras atividade atreladas ao interesse das crianças a partir do seu próprio nome.

O diálogo é outra ferramenta indispensável no ambiente formativo, pois é uma forma que as crianças demonstram seus saberes, e para isso elas precisam de espaço. Os professores devem dá voz à criança, pois em uma determinada sala de aula podemos identificar algumas crianças mais tímidas do que outras, essas precisam ser instigadas a se expressarem, e se envolver e interagir umas com as outras.

Assim, o professor precisa organizar o seu ambiente para torná-lo mais agradável, contribuindo assim com o desenvolvimento das crianças. Proporcionar um ambiente agradável com momentos de leituras com diversos gêneros para incentivar os alunos a prática da leitura.

4.2 O trabalho pedagógico a partir da literatura e outros gêneros textuais

O desenvolvimento de atividades que envolva vários gêneros textuais tem papel fundamental no incentivo da aquisição da leitura e escrita. Segundo Mendes (2013):

A literatura infantil e, em especial, a sonoridade e beleza das poesias transformam a leitura em uma grande brincadeira com palavras. Os textos jornalísticos e a própria produção de um jornal da turma contextualizam a escrita. A produção de cartas, e-mails, torpedos, bilhetes, avisos, cartazes auxiliam no pensar individual e coletivo do quê e de como se escreve (MENDES, 2013, p.6).

A literatura é uma das formas de expressão dos nossos pensamentos e sentimentos, lemos por curiosidade, a partir disso podemos percorrer novos caminhos, refletir, criar e reinventar e assim adquirir prazer no ato de ler. Os diferentes gêneros literários apresentam diferentes modos de escrita, e nos possibilita uma forma própria de ver e compreender os acontecimentos a nossa volta. Desde modo a literatura tem uma função crítica na formação humana e cidadã de cada indivíduo.

Envolver também a diversidade de gêneros textuais nas atividades, utilizar o espaço da sala como um ateliê, onde as crianças possam expor suas criações isso faz com que eles percebam a relevância da sua obra e as estimulem para realização dos próximos trabalhos, tornando a aprendizagem prazerosa.

O professor não deve permanecer preso ao livro didático, é preciso ousar, criar, inventar partindo da curiosidade espontânea das crianças e desafiá-las para novas descobertas. No

processo de alfabetização é necessário ter como ponto de partida a realidade do sujeito e sempre associar à escrita a leitura, não pode solicitar escritas distante do que se ler.

Nas leituras de histórias na sala de aula, é preciso que o educador tenha lido antes de apresentar aos alunos, tendo o cuidado com a tonificação da voz, fazendo com que as crianças incorporem às características dos personagens dando vida a história, até mesmo o cuidado na maneira de como pegar no livro o educador precisa estar atento, não se pode ficar numa posição desigual em relação aos alunos, ou seja, tem-se todo um cuidado com bem-estar e atenção dos estudantes.

Os trabalhos em grupo auxiliam no desenvolvimento da escrita, pois quando uma criança estiver com dúvida de como se escreve corretamente determinada palavra o colega pode ajudar. Considerar as habilidades distintas, na formação dos grupos, contribuindo assim, o ambiente passa a ser mais agradável como também mais estimulador.

Portanto, essas medidas de trabalhar com a literatura e outros gêneros textuais contribuem com o processo de alfabetização, pois a literatura leva a imaginação atraindo assim as crianças, e tornando esse momento mais prazeroso. Como também a diversidade dos gêneros textuais tais como: o cordel, a charge, a notícia, o poema entre outros.

Um gênero textual que também pode fazer parte do processo de alfabetização é a literatura de cordel. A literatura de cordel é um gênero textual tipicamente nordestino e atrativo, devido a uma aproximação com a linguagem popular utilizada muitas vezes pelo aluno no seu cotidiano, ao trabalhar a literatura de cordel estamos evidenciando um patrimônio cultural que reconhece a variedade linguística falada do povo nordestino. Sendo assim, a linguagem utilizada nesta literatura nos remete a questão da identidade regional possibilitando desta forma o aluno criar uma leitura do mundo apoiado também em valores de suas raízes.

O gênero textual charge é utilizado geralmente em jornais e revistas e tem como a finalidade de fazer uma crítica através de ilustrações e podem vir acompanhada de texto. Nela são abordados diferentes assuntos sociais com um tom bem humorado. Trabalhar com esse gênero em sala de aula permite a abordagem de diferentes assuntos inclusive atuais no contexto político e econômico. Desde modo, possibilita uma maior atuação social e cultural.

A notícia faz parte no nosso cotidiano e é encontrada nos diferentes meios de comunicação. É um texto jornalístico que nos traz informações sobre assuntos atuais e de interesse público, se evidencia pela linguagem clara e objetiva que utiliza os seguintes pronomes: quem, onde, o que, como, quando e por que, para compor o texto. Possibilita demonstrar a interpretação dos fatos a partir da sua ótica, contribui com a amplificação do

vocabulário, com a criticidade, além, de proporcionar momento de aprendizagem de como fazer registro.

Poema é um texto que contém estrofe e versos, é composto por rimas. A ludicidade presente nos poemas o torna bastante atrativo. As sonoridades das rimas despertam a capacidade auditiva dos alunos além das outras habilidades linguísticas envolvidas. As parlendas e trava-línguas é um bom exemplo que chama atenção das crianças.

Assim, podemos observar que é importante as crianças em processo de alfabetização e letramento participarem ativamente de todo processo de ensino aprendizagem. O educador deve propiciar o trabalho com a diversidade dos gêneros textuais, tal como oportunidade para que elas possam ser ouvidas, sendo requisitadas a interpretar o que leram, ouviram e produziram. É fundamental estimular essas competências que as permitam contar e recriar histórias, para favorecer uma compreensão por meio das suas próprias concepções e experiências, desenvolvendo assim sua autonomia.

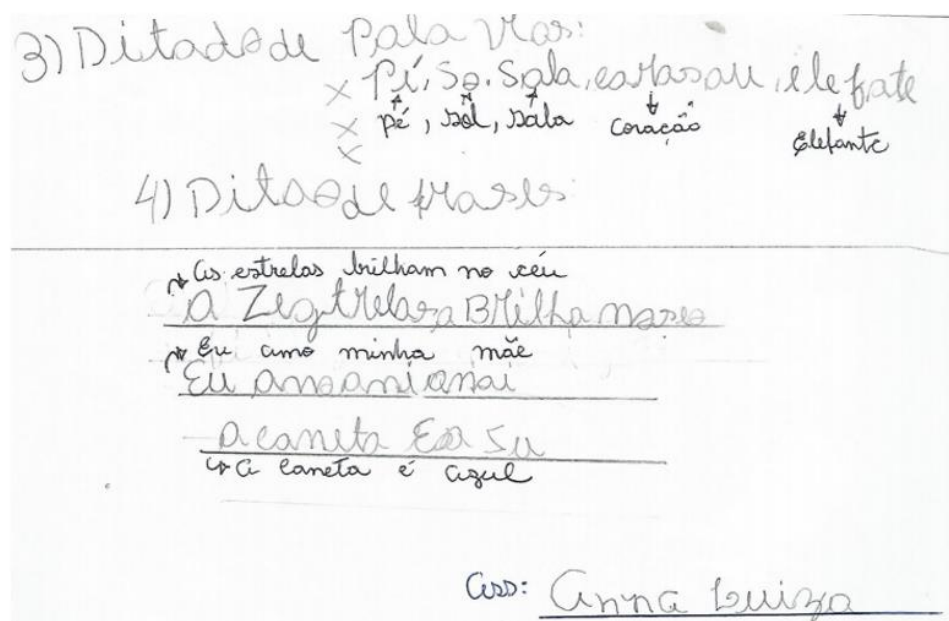
4.3 Acompanhamento e práticas na avaliação psicogenética

A respeito das etapas do percurso da aquisição da leitura e escrita são denominados como “níveis psicogenéticos na alfabetização” como constata Grossi (1990, p.51): “quando alguém se alfabetiza, percorre uma longa trajetória a qual é dado o nome de psicogênese da alfabetização. Esta psicogênese se caracteriza por uma sequência de níveis de concepção sobre leitura e escrita”.

Para identificar o nível da escrita dos alunos o professor deve realizar uma avaliação diagnóstica dos níveis psicogenéticos, na qual é ditada uma palavra monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo, e posteriormente frases. Cada nível possui características como denomina Grossi (1990): pré-silábico 1, pré-silábico 2, silábico e alfabético.

Nível pré- silábico 1: neste a criança se expressa através de desenho, e sua leitura faz na dedução de imagens. Como confirma Grossi (1990, p.54) “para um aluno pré-silábico 1, as letras são objetos que não tem a ver necessariamente com a produção escrita. Portanto, para ele, os métodos convencionais que começam com palavras escritas ou com letras isoladas não lhe fazem nenhum sentido”.

Figura 4 - Ditado de palavras e frases



Fonte: Arquivo da autora. Atividade realizada na sala do 3º ano do ensino fundamental, solicitada pelo professor da disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental (2016).

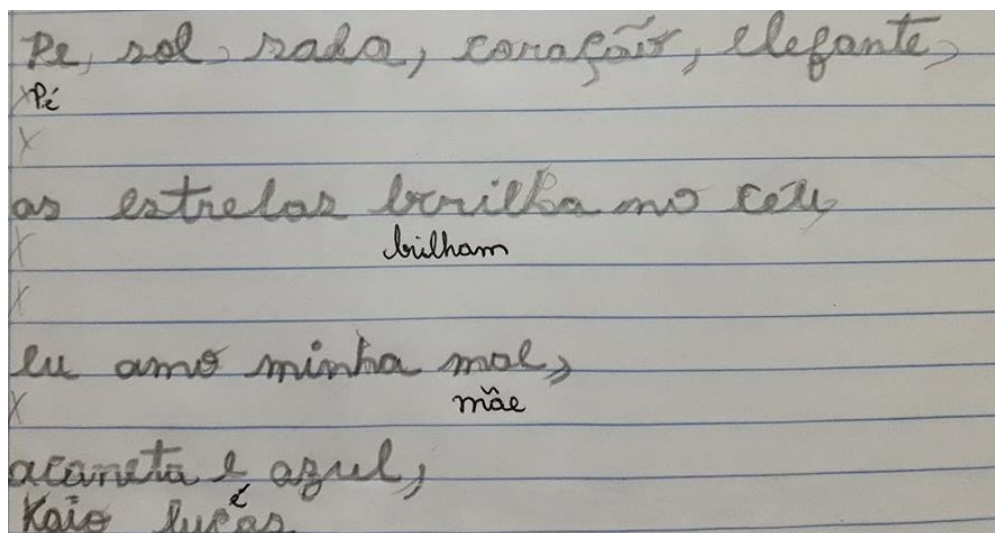
Vejamos que na escrita da Anna faltam letras, ela esqueceu várias consoantes e também troca algumas vogais e consoantes.

Por fim as características do último **nível alfabético** segundo Russo (2001):

A criança: compreende que a escrita tem função social: comunicação; compreende o modo de construção do código da escrita; compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba; conhece o valor sonoro de todas as letras ou de quase todas; pode ainda não separar todas as palavras nas frases; omite letras quando mistura as hipóteses alfabética e silábica; não tem problema de escrita no que se refere a conceito; não é ortográfica nem léxica (RUSSO, 2001, p. 31).

Portanto, neste nível da hipótese alfabética consegue escrever as palavras, mas às vezes nem sempre separadas.

Figura 5 - Ditado de palavras e frases



Fonte: atividade realizada na sala do 3ºano do ensino fundamental, solicitado pelo professor de organização e prática do ensino fundamental.

Neste caso a escrita do Kaio Lucas está no nível alfabético, pois o mesmo já consegue escrever as palavras sem maiores dificuldades, apenas algumas relativas à ortografia, como a falta de acento agudo nas palavras “pé e é” e a concordância do verbo brilhar.

Entretanto, já Russo (2001, p.28) classifica os níveis da seguinte maneira: “Emília Ferreiro e Ana Teberosky definiram, em sua Psicogênese da Língua Escrita, cinco níveis: **nível 1:** Hipótese pré-silábica; **nível 2:** Intermediário I; **nível 3:** Hipótese silábica; **nível 4:** Hipótese silábico-alfabética ou intermediário II; **nível 5:** Hipótese alfabética.

Sendo assim, o segundo autor acrescenta os níveis intermediários que os determina da seguinte forma:

Os níveis intermediários I e II são momentos do processo que caracterizam pela evidência de contradições na conduta da criança e nos quais se percebe a perda de estabilidade do nível anterior e a não organização do nível seguinte, evidenciando o conflito cognitivo (RUSSO, 2001, p. 28).

Ou seja, a criança compreende que aquela escrita já não corresponde com as demandas da nova fase que se encontra, entretanto possui dificuldade na sistematização do novo nível, podendo em alguns momentos voltar para o nível anterior.

É importante conhecer o nível que se encontra o aluno para que assim possa realizar um trabalho apropriado que alcance todos os níveis presentes na sala de aula, como nos afirma Russo (2001, p. 32) “Para definir a didática mais adequada, o professor precisa, antes de mais

nada, procurar detectar o nível em que se encontra o aluno para intervir coerentemente no processo de aprendizagem de cada um”.

Esse diagnóstico da psicogênese da língua escrita é recomendável ser realizado três vezes no ano letivo: no início, na metade e final, para assim identificar e averiguar se houve avanços da leitura e escrita dos alunos.

Esses aspectos mencionados e tantos outros são essenciais no processo de ensino e aprendizagem, principalmente no processo de alfabetização, pois eles na sua essência colaboram de forma direta e indireta com a formação do sujeito crítico, autônomo, atuante no meio social, e ciente dos seus direitos e deveres.

5 Trajetória metodológica da pesquisa

No ato da pesquisa o indivíduo se apropria de novos conhecimentos, é a partir de uma determinada questão problema que se dá início ao seu processo. Em consonância com Gil (2002, p.17) “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ela é executada através da racionalidade e organização do pesquisador. É formada por diversos elementos como cita o autor Gil (2002):

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17).

Sua relevância é essencial na evolução da sociedade em diversas áreas de conhecimentos, pois nela podemos ter acesso a sugestões para soluções de determinados problemas. Ou seja, nada mais é que o acesso a informações e uma maneira de construir novos conhecimentos.

5.1 Abordagem da pesquisa

A pesquisa utilizada neste trabalho é qualitativa e de natureza exploratória, através dela é possível investigar uma determinada realidade. Como afirma Deslandes (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES, 1994, p. 21).

Ao contrário da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa se atenta ao conjunto de vários sentidos subjetivos que estão relacionados ao ambiente mais intrínseco das relações, dos processos e das manifestações, que não necessitam de métodos para sua realização. Com esse tipo de pesquisa, podemos analisar as especificidades dos sujeitos da pesquisa, contribuindo assim, com a construção do nosso trabalho.

5.2 Trabalho de campo

Com o propósito de refletir sobre a execução do planejamento no processo de alfabetização, utilizamos o trabalho de campo, pois foi através dele que tivemos familiaridade com conhecimento científico estudado por meio da realidade analisada e pudemos colher informações. Segundo Deslandes (1994):

Em Ciências Sociais, tendo como referência a pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo (DESLANDES, 1994, p.51).

Desse modo, esse tipo de estudo além de proporcionar investigação da relação entre a teoria pesquisada com a prática, viabiliza a construção de conhecimento diante da observação que foi feita de acordo com os objetivos pré-estabelecidos.

Escolhemos realizar a pesquisa com as turmas dos 3º anos do Ensino Fundamental, a qual segundo o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é o último ano do ciclo de alfabetização. Assim, optamos pela turma da manhã e outra da tarde, uma porque já conhecíamos tanto a professora quanto a turma, devido os estágios supervisionados. A outra turma foi do turno da tarde porque pela manhã não tinha mais turmas do 3º ano, como também tivemos a curiosidade de verificar a funcionalidade das turmas nos horários opostos. A observação teve duração de 20 horas para cada turma, totalizando 40 horas para verificação da execução do planejamento no processo de alfabetização, essa pesquisa foi dividida em quatro etapas.

Primeiramente, análise do plano de aula, posteriormente, observação da aula com o auxílio plano, por fim as entrevistas semiestruturadas aplicada com as professoras titulares das respectivas classes de aula, com auxílio de um gravador, por último a análise do projeto político pedagógico (PPP).

Sobre a receptividade foi bastante acolhedora, tanto pela diretora, funcionários como principalmente pelas professoras dos 3º anos e os alunos. As docentes disponibilizaram o plano de aula, tínhamos diálogos bastante transparentes sobre alguns conteúdos como: a dificuldade de aprendizagem dos alunos, a importância do plano de aula, dentre outros temas. A diretora procurou o projeto político pedagógico da escola, e segundo a mesma não o encontrou. Portanto, tivemos como base o PPP do ano de 2016, pois já tínhamos devido aos estágios realizados na escola.

Escolhemos a pesquisa de campo para intensificar o nosso conhecimento sobre o conteúdo trabalhado, pois além de buscar nos apropriar desta temática com base nas teorias, sentimos a necessidade de nos aproximarmos da sala de aula, e durante a pesquisa buscamos manter um olhar crítico das situações encontradas, procurando atingir os objetivos desta pesquisa. Sendo assim, consideramos o trabalho de campo de grande importância para formulação deste trabalho.

5.3 Instrumentos de coleta de dados

Com a coleta de dados ou informações, se pode colher informações, que é feita de elementos como documento, livro, dados estatísticos. Entretanto seu papel não é apenas esse, como afirma Gerhardt e Silveira (2009):

Na coleta de dados, o importante não é somente coletar informações que deem conta dos conceitos (através dos indicadores), mas também obter essas informações de forma que se possa aplicar posteriormente o tratamento necessário para testar as hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.57).

Ou seja, durante esse processo também podemos identificar conhecimentos para depois experimentá-los para assim avaliar seus pressupostos. Desde modo, os instrumentos utilizados para subsidiar a pesquisa foram: observação, análise documental, e entrevista-semiestruturada, que serão descritos a seguir.

5.3.1 Entrevistas semiestruturadas

Utilizamos a entrevista semiestruturada, pois é uma maneira de colher mais informações sobre determinada temática, contribuiu de forma considerável com nossa análise da pesquisa, pois como afirma Carvalho (2007):

As entrevistas semiestruturadas preveem a eventual necessidade de aproveitar oportunidades, no momento da realização, para acrescentar questões sugeridas pelas respostas do/a entrevistado/a, ampliando, aprofundando ou detalhando aspectos interessantes (CARVALHO, 2007, p. 190).

Entendida dessa forma, a entrevista semiestruturada são perguntas sistematizadas que foram elaboradas a partir dos objetos específicos da pesquisa formulada com questões subjetivas, e que podem vir a serem acrescentadas com outras perguntas durante a entrevista, na busca de intensificar as questões essências contidas no diálogo entre duas ou mais pessoas.

As entrevistas foram feitas na escola, com a professora da manhã realizamos dentro da sala de aula, pois houve aula de Educação Física e a turma não estava em sala de aula. Já com a professora da tarde foi feita na sala de uma das especialistas da escola, pois era aula de Artes.

Foi um momento em que pudemos discutir sobre o planejamento, a alfabetização e letramento e a organização do trabalho pedagógico de forma aberta. Utilizamos como instrumento o gravador e posteriormente transcrevemos. A nossa dificuldade foi o tempo, pois era inviável realizar a entrevista no momento de atividade em sala de aula, contudo conseguimos entrevistar as professoras nessas aulas vagas. A duração da entrevista com a professora da manhã durou 30 minutos e com a da tarde 25 minutos.

Na entrevista pudemos constatar um pouco das práticas das docentes. A professora da tarde planeja e considera o planejamento indispensável, notamos que suas aulas eram mais organizadas em relação a outra professora da manhã, que declarou que não realiza o planejamento constantemente, e isso interfere diretamente na organização das aulas.

Com isso conseguimos refletir sobre a relevância do planejamento na classe de alfabetização, pois na turma que a professora não havia planejamento os alunos eram mais dispersos, havia um grande número de alunos no nível pré-silábico. Enquanto na outra turma que a professora planejava, apesar de conter poucos elementos dos planos, as aulas eram mais sistematizadas, e o percentual de alunos no nível pré-silábico era menor. Entretanto, não podemos deixar de constatar que nessas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, tanto manhã quanto tarde, havia poucos alunos no nível alfabético, ou seja, será que os planejamentos das ambas professoras estavam propícios com a realidade dos alunos?

Quadro 1: Níveis psicogenéticos

Quantidade de alunos de acordo com os Níveis psicogenéticos	3º ano manhã 21 alunos	3º ano tarde 22 alunos
Pré-Silábico	10	4
Silábico	0	2
Silábicos Alfabetos	0	5
Alfabéticos	11	11

Fonte: Dados da pesquisa.

Contudo, a entrevista foi de suma importância para que pudéssemos colher mais informações e analisá-las de acordo com as observações realizadas, contribuindo assim com nossa percepção a respeito da execução do planejamento na classe de alfabetização.

5.3.2 A observação participante

A observação participante foi realizada através da pesquisa de campo que tem como natureza o aspecto qualitativo, é possível um contato direto do pesquisador com o objeto estudado. Permitindo assim, responder as questões da pesquisa por meio da nossa vivência no local. Como destaca Deslandes (1994):

A técnica de *observação participante* se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (DESLANDES, 1994, p. 59).

É através deste contato que se pode constatar o que se coleta na entrevista, pois, no momento desta relação de vivenciar e analisar as diversas situações distintas o pesquisador pode formular sua própria conclusão, e também durante esse processo mudar de opiniões já formuladas tanto suas como dos sujeitos investigados.

Desse modo, reconhecendo a relevância desta etapa da pesquisa escolhemos uma escola municipal de João Pessoa onde já havíamos realizado dois estágios supervisionados III e IV, na sala do 3º ano do Ensino Fundamental e do 4º ano. Nesse espaço tivemos a oportunidade de realizar e planejar o plano de aula.

Fomos bem recebidos por todos os funcionários da escola. Optamos por observar durante uma semana, em cada turma do 3º ano do Ensino Fundamental, em horários opostos, uma porque já conhecíamos a professora devido aos contatos anteriores realizados nos períodos dos estágios supervisionados e a outra porque não tinha mais turma do 3º ano pela manhã, e também para vermos a dinâmica de acordo com o turno.

Apresentamo-nos novamente a diretora da escola e explicamos o motivo da nossa presença na instituição e que não íamos divulgar o nome da escola. Ela logo nos encaminhou para sala da professora para que pudéssemos pedir permissão à mesma.

Uma das professoras já conhecíamos, pois havíamos estagiado na sala de aula e a recepção foi à mesma bastante acolhedora. Como também com a outra professora que apesar de não nos conhecer, nos recebeu de braços abertos. Passamos uma semana na sala de aula da

turma da tarde observando e logo após fomos para turma da manhã, contabilizando 20 (vinte) horas semanais para cada turma. Os registros das nossas observações foram escritos no caderno. Esses momentos contribuíram para constataremos a relevância do planejamento, pois na turma que a professora planejava os alunos não ficavam dispersos, já na outra turma o cenário era diferente, grande número de crianças no nível pré-silábico.

Na turma da tarde a professora tinha todos os registros dos planos de aula, apesar de não serem bem elaborados, pois neles constavam apenas os conteúdos e a numeração das páginas a ser trabalhada, geralmente a mesma ministrava a aula seguindo os conteúdos programados do planejamento, quando isso não ocorria era porque tinha acontecido algum imprevisto.

Já na turma da manhã era raríssimo, a professora elaborar o plano de aula. Primeiro ela se desculpou falando que não havia planejado, pois estava com um aluno novato com mau comportamento e isso tinha mexido bastante com ela, e nesses raros registros pudemos perceber que foram poucos os momentos que a mesma conseguiu executar o que havia planejado. Contudo, como já mencionamos anteriormente o plano deve ser flexível, isto é respeitar as demandas do momento.

Percebemos por meio das nossas observações que não foi apenas por esse motivo, pois a mesma confessou em uma das nossas conversas que considerava o planejamento como algo obrigatório e não importante no processo de ensino que era mais importante saber os conteúdos a serem estudados e buscar alfabetizar os alunos. Não tivemos dificuldades para observar, pois as professoras nos acolheram de braços abertos.

Sendo assim, durante esta pesquisa não pudemos na prática conhecermos a verdadeira eficácia de um planejamento bem elaborado. Mas neste trabalho consta, diante das nossas observações, principalmente na sala em que a professora planejava raras vezes, o resultado negativo da ausência do planejamento. Por fim, a construção deste trabalho se deu em consonância com as teorias estudadas, as observações participantes e confronto com os relatos das entrevistas para assim entender as possibilidades e desafios da execução do planejamento na sala de alfabetização.

5.3.3 A análise documental

De acordo com Gil (2008, p. 45) o que define a pesquisa documental é porque ela “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Ou seja, são utilizados documentos que serão minuciosamente analisando, pois neles são contidas informações abundantes de dados.

No caso dos documentos utilizados durante esta pesquisa foram os planos de aula das professoras e o projeto político pedagógico da escola, dando suporte à construção do nosso estudo.

No primeiro momento da observação as professoras cientes da temática da nossa pesquisa, logo disponibilizaram o caderno de planejamento o qual nos deixaram registrar por meio de fotografia para análise.

Já o projeto político pedagógico da instituição foi de difícil acesso, não pelo fato da diretora não querer dispor, mas porque segundo ela não lembrava onde havia guardado. Como não conseguimos o de 2017, utilizamos o de 2016 que nos foi repassado durante o estágio supervisionado. Nele consta que se tem como proposta a participação de todos para sua elaboração, tanto da equipe escolar, como também dos alunos e seus pais. No documento começa a descrever sobre o planejamento pedagógico nas citações dos artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art.12. IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente.

Art.13º I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

Art.14º I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico (BRASIL, 1996).

As considerações sobre as perspectivas da escola em relação ao planejamento foram mencionadas bem depois destas citações. No tópico da dimensão da gestão escolar, declara que para um gerenciamento eficiente, promovem momentos para sua realização da elaboração do planejamento didático pedagógico e disponibiliza no calendário escolar.

Também tem se o cuidado para que seja executado, declara que dá assistência técnica aos professores com o objetivo de almejar o planejamento, o cumprimento, a avaliação dos planos e dos projetos. Relata a carga horária de trabalho dos professores que são trinta horas trabalhadas por semana, sendo cinco horas designadas ao planejamento e a formação continuada.

Sobre a alfabetização começa a fazer referência quando fala do ensino de Língua Portuguesa, que de acordo com os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) está destinado a função social, e descreve que é uma condição básica para que os sujeitos possam ingressar no mundo letrado e assim sejam capazes de fazer parte do processo de cidadania e por fim consigam interação socialmente sem serem passivos, mas sim serem autônomos. Sendo por

meio das ações planejadas buscam desenvolver a capacidade para aprendizagem, tendo como base o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo, e do ambiente natural e social, etc.

O plano de aula da professora da manhã é feito em um caderno, são poucos os seus planos desde o início do ano. Agora os poucos que possuem eram formulados contendo: conteúdo, metodologia e avaliação. O pouco que a professora planeja mal acompanha servia mais como documento comprobatório que o fez, quando não fazia ia seguindo os horários das disciplinas, tendo como acompanhamento das aulas um livro didático.

Neste período da observação houve um dia que a professora titular da sala esteve ausente e mandou uma substituta. Entretanto, a professora substituta chegou de “paraquedas” na turma, sem plano de aula e o pior que ela levou um livro didático que na verdade não era nem da turma. Começou a copiar uma atividade no quadro e deu o tempo para que os alunos pudessem responder só que a atividade que havia trazido estava bastante distante do nível psicogenético da turma, que uma das alunas alfabetizadas estava com muitas dificuldades em respondê-las. Ou seja, se a criança que é alfabetizado estava com dúvida em responder esta atividade imaginamos as que não sabiam ler nem escrever.

Já na turma da tarde a professora planeja em um caderno, nele havia o registro do planejamento da semana inteira. Suas aulas são sistematizadas com atividades do livro didático. Quando não conseguia concluir determinado conteúdo marcava no seu caderno para continuar no dia seguinte. Entretanto, seu plano só contém conteúdos e as páginas do livro.

Desde modo, não tivemos acesso a um plano de aula bem elaborando no qual contemplasse outros aspectos importantes tais como os objetivos específicos, e o desenvolvimento da metodologia.

5.4 Local da pesquisa

Nosso campo de pesquisa foi em uma escola do município de João Pessoa, a mesma foi escolhida por causa dos nossos estágios supervisionados III e IV, no qual no primeiro estágio tivemos uma experiência inesquecível na turma do 3º ano do ensino fundamental a qual se encontrava com alunos de diversos níveis psicogenéticos.

A escola não é de grande porte, possui turma do pré-escolar, ensino fundamental dos anos iniciais, e educação de jovens e adultos. Seu quadro de funcionário de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2016):

Temos um total de 70 funcionários, distribuídos da seguinte forma, são 27 professores, 1 supervisor, 1 psicólogo, 1 orientador, 1 assistente social sendo 2 com pós-graduação e um cursando pós-graduação. A direção é composta de 3 membros, sendo todos com pós-graduação. O quadro de agentes administrativos é composto por 5. Possuímos também, 2 monitores de informática, 2 inspetores de ensino, 6 auxiliares de serviços gerais, e 5 vigilantes, 2 auxiliares de biblioteca, 6 merendeiras, 1 coreógrafa de banda, 1 regente de banda, 1 supervisora de merenda e 5 Cuidadora de alunos com necessidades especiais (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2016).

Conforme o PPP (2016) o ambiente físico da escola possui: duas salas do Programa Mais Educação, oito salas de aula, uma sala para professor, uma biblioteca, um espaço recreativo, um laboratório de informática, uma sala multifuncional, uma sala dos especialistas, uma sala para atendimento individual, uma sala da direção, uma sala da secretaria, um refeitório, uma cozinha, uma quadra poliesportiva com três banheiros sendo um com acessibilidade para alunos com necessidades especiais, seis banheiros para alunos sendo dois com acessibilidade para alunos com necessidades especiais, três banheiros para funcionários, uma sala para coordenação do Mais Educação e uma Brinquedoteca.

A estrutura física da escola não é das melhores, possui um miniparque que não é utilizado, pois os brinquedos vivem quebrados, a cantina é pequena e os horários dos lanches têm que serem organizados, pois não comporta a quantidade de crianças matriculadas do mesmo turno. Não tem acessibilidade e já fazem mais de dois anos que não há manutenção na pintura, a instituição precisa de manutenção, para assim tornar-se um ambiente mais agradável, pois é um espaço que os alunos mais frequentam.

5.5 Participantes da pesquisa

Os integrantes da nossa pesquisa foram às professoras do 3º ano do Ensino Fundamental, uma do turno da manhã e outra da tarde. Estas docentes foram escolhidas, pois tínhamos a curiosidade de verificar as diferentes opiniões sobre planejamento e formas de alfabetizar, já que essas turmas correspondem ao final do ciclo de alfabetização.

Como já mencionamos foi difícil detectarmos os benefícios de um planejamento bem elaborado já que ambas as professoras não correspondiam com as exigências do plano de aula. Mesmo assim pudemos identificar mais rendimento no requisito de leitura e escrita na turma da tarde, apesar do planejamento da professora conter apenas conteúdos e numeração das páginas dos livros.

Já para outra professora os alunos estavam divididos entre os alfabetizados e os que não conseguem ler e escrever, são raros os registros de planejamento. Ambas educadoras possuem o curso de graduação em Pedagogia com Mestrado e fazem parte do quadro efetivo da escola.

A professora da manhã leciona há 5 anos na escola e na turma do 3º ano do ensino fundamental, já a da tarde fazem 2 anos que ministra aula na escola e na turma do 3º ano. A professora da turma da manhã tem um bom relacionamento com seus alunos, mantém uma relação afetiva com os alunos. A docente da tarde é mais rigorosa, não admitia muitas conversas paralelas.

5.6 Análise de dados

Nossa análise de dados foi formada a partir dos três momentos de realização dessa pesquisa. O primeiro foi a observação participante onde tivemos contato direto com o campo de pesquisa; o segundo momento foi a análise documental que foram os planos de aula e o projeto político pedagógico da escola; e por fim, o terceiro momento foram as entrevistas semiestruturadas com as professoras. Esses elementos contribuíram com nosso objeto de estudo na qual a seguir apresentaremos os nossos resultados.

6 Análise e discussão dos dados da pesquisa

Portando, através da pesquisa de campo tivemos oportunidade de coletar informações essenciais para construção do nosso trabalho de pesquisa e análise tais como: observação participante nas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, entrevista semiestruturada aplicada com as educadoras dessas turmas e a análise documental dos planos das professoras e do Projeto Político Pedagógico da instituição, que nos proporcionou uma visão da dinâmica da execução do planejamento.

Para corresponder com nosso objeto de estudo, daremos início à análise de dados que contemplará o que pudemos constatar através da pesquisa de campo. Para mantermos a identidade das professoras sobre sigilo denominaremos da seguinte forma: professora manhã e professora tarde.

Dividimos nossa análise de dados em quatro eixos a fim de abranger os elementos do nosso estudo junto com a coleta de dados. Ficaram organizados da seguinte maneira:

- As perspectivas das professoras sobre o planejamento e sua utilização.
- As barreiras e as possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização em elaborar e executar o planejamento.
- A concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras.
- A organização da aula desenvolvida pelas professoras na classe de alfabetização.

6.1 Perspectiva das professoras sobre o planejamento e sua utilização

Diante do que já foi estudado, o planejamento é um elemento essencial na nossa vida, seja qual for o setor. Planejamos mentalmente nossas ações futuras, estabelecemos estratégias a fim de almejarmos nossos objetivos. Já os planos ou projetos são seus registros, ou seja, sua transcrição em forma de documento.

O planejamento se faz indispensável no nosso cotidiano, principalmente no meio educacional, pois a educação é uma ferramenta crucial para o desenvolvimento da sociedade. Cientes da sua importância, indagamos as professoras, com base na sua prática docente qual relevância do plano de aula, e por quê? E obtivemos as seguintes respostas:

São bons para saber a sequência das aulas e conteúdos. Servem para situar o professor na mínima organização das aulas (Professora manhã).

O planejamento é à base da prática docente, pois, o professor ético e responsável precisa organizar o conteúdo curricular, a metodologia necessária para sua turma e isso deve ser feito com antecedência, sem improvisos (Professora tarde).

Nestas falas, percebemos que a primeira acredita que o planejamento é bom por auxiliar a identificar continuidade das aulas contribuindo um pouco com os professores. Enquanto a segunda considera como essencial no trabalho pedagógico, pois evita a improvisação. Como já mencionado o plano é uma forma de organizar as ações que se pretende trabalhar como cita Gomes e Silva (2016)

De acordo com Piletti (2002), o plano de aula deve ser entendido como registro de uma sequência daquilo que vai ser desenvolvido em um dia letivo. É a documentação do planejamento, um guia de orientação ao próprio professor em relação àquilo que pretende realizar na dinâmica de ensino-aprendizagem (GOMES; SILVA, 2016, p. 33).

Assim, o plano de aula é o acompanhamento do plano de ensino, sendo que ele passa a especificar as sequências dos conteúdos e como serão trabalhados no dia letivo, proporciona também revisões. Como as entrevistadas são alfabetizadoras perguntamos que elemento da classe de alfabetização elas levam em consideração na elaboração do planejamento, e elas relataram:

A leitura de textos pequenos para estimular os alunos ao contato com as letras, famílias silábicas e novas formações. A sala atualmente tem 21 alunos, destes, 10 alunos não sabem ler, reconhecer vogais e consoantes, sílabas simples e complexas. É uma diferença enorme entre os alunos. Isto impossibilita meu trabalho. Dessa forma um grupo na sala se prejudica sem atenção de que precisa (Professora manhã).

Para esse fim, procuro trabalhar muitos aspectos voltados a oralidade, leitura de textos, de imagens, gráficos, mapas e tabelas, buscando fazer a relação do contexto do aluno com o mundo letrado (Professora tarde).

Ambas buscam trabalhar com a oralidade, sendo que a professora da manhã acrescenta sua angústia por ter um número significativo de alunos analfabetos e afirma que isso dificulta seu trabalho como também atrasa o desenvolvimento dos demais que já estão alfabetizados. Justamente por essa desigualdade de níveis de escrita e leitura que a mesma deveria planejar suas aulas pensando nestes dois grupos da sala, além disso, a mesma está numa sala de alfabetização e precisa buscar estratégias para que todos possam se alfabetizar para assim atingir as expectativas da turma em geral.

Acreditamos que o planejamento voltado às turmas de alfabetização deve primordialmente conter o aspecto da oralidade como descreve a Silva (2010):

O desenvolvimento de um trabalho sistemático com os conhecimentos linguísticos da alfabetização precisa estar associado à criação de oportunidades para o aluno interagir dentro da sala de aula e de participar de situações de leitura e escrita que se assemelhem àquelas que vivenciamos em qualquer lugar onde a linguagem escrita é objeto de uso cotidiano. Para que isso ocorra, o planejamento da alfabetização deve oferecer aos alunos oportunidades de acesso a todo tipo de material escrito, pois aprende-se a ler e escrever lendo e escrevendo, ou seja, vivenciando situações significativas de uso da leitura e da escrita (SILVA, 2010, p.54)

Planejar com a finalidade de alfabetizar deve conter momentos que trabalhem com a leitura e escrita, esse exercício é fundamental nesta fase. Diante das observações na sala de aula da tarde pudemos perceber que a docente sempre proporcionava esses momentos. Quase todos os dias durante nossas observações presenciamos momentos de leitura silenciosa dos alunos no início das aulas.

Ela determinava um tempo para isso e ao término chamava um de cada vez para ler perto dela, essa atitude é bastante plausível, pois é uma forma dos alunos praticarem a leitura superando assim as dificuldades. Não podemos esquecer que é preciso pensar durante o planejamento, aspecto da alfabetização associada com o letramento, e assim indagamos às professoras qual a relação do ato de planejar com o letramento? E as respostas foram:

Através do planejamento conseguimos selecionar atividades que favoreçam o processo de letramento dos alunos, organizar ações que estimulem a leitura e a troca de conhecimentos entre eles. Bem como, organizar estratégias adequadas para atender a demanda da turma. Ver também como essas ações estão sendo satisfatória ou não para os alunos (Professora manhã).

A relação é total e necessária, pois as atividades planejadas, com certeza têm mais possibilidades de atingirem os objetivos que são traçados para o letramento (Professora tarde).

Nas respostas podemos observar que as duas professoras consideram uma relação importante para traçar atividades que possibilitem a questão do letramento dos alunos. Iremos detalhar mais sobre letramento nos próximos eixos.

Sendo a turma dinâmica, o planejamento deve ser flexível para corresponder com as demandas do momento, na sala de aula, como afirma Luck (2008, p.55) “A flexibilidade corresponde à capacidade do plano ou projeto *adaptar-se a situações novas* surgidas durante a sua execução”.

Pudemos presenciar essa ação na prática da professora da tarde, estava acompanhando o plano sem nenhuma interrupção, até que foi avisada no meio da aula que os alunos iriam ensaiar uma dança. A mesma registrou no caderno de planejamento o conteúdo que havia ficado, e no outro dia iniciou a aula com o assunto que não teve como concluir no dia anterior, isso aconteceu também em outro momento. Para verificar a perspectiva das professoras fizemos a seguinte pergunta: para você o planejamento deve ser seguido à risca? As respostas foram:

Para quem faz é complicado conseguir cumprir tudo que planeja. A realidade da sala é complexa e muito diferenciada entre os alunos, às vezes um aluno é rápido num conteúdo e o outro passa a aula inteira sem entender, não dá para cumprir tudo que se planeja pelo ritmo diferenciado da turma (Professora manhã).

Não. Ele deve ser flexível de acordo com a necessidade dos alunos, nem sempre o planejado consegue ser executado completamente e nós devemos fazer de tudo para favorecer a aprendizagem dos discentes (Professora tarde).

A partir do que foi mencionado, ambas concordam que o planejamento é adaptável de acordo com a realidade da sala de aula. E isso deve ser levado em consideração, pois caso contrário o planejamento vai deixando de contribuir consideravelmente com o processo de ensino - aprendizagem.

Desta forma, percebemos nas falas das professoras considerações pertinentes a respeito da perspectiva do planejamento. Entretanto, notamos nas suas práticas em alguns momentos um distanciamento dos seus relatos, pois apesar de considerá-lo como meio de organização a professora da manhã raramente o faz, enquanto a professora da tarde relata que ele é o alicerce para o trabalho do professor e que deve conter a metodologia adequada com a turma, porém, percebemos no seu plano a ausência deste elemento.

6.2 As barreiras e as possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização em elaborar e executar o planejamento

Os planos de aula podem ser realizados mensalmente, quinzenalmente, semanalmente, dentre outros. Perguntamos as professoras com qual periodicidade elas elaboram o plano de aula e ambas responderam que semanalmente. Contudo, a professora da manhã complementou:

Semanalmente. Mas geralmente não sou fiel aos planejamentos e vivo sem fazer o planejamento. Acompanho as atividades pelo cronograma das disciplinas (Professora manhã).

Vejamos a mesma confessou que não cumpre com a elaboração do plano de aula, com isso além de dificultar sua prática, acaba prejudicando o desenvolvimento dos alunos, como afirma Fusari (2008) *apud* Castro, Tucunduva e Arns (2008):

*A ausência de um processo de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica das aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma “regra”, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (FUSARI, 2008, p.47 *apud* CASTRO; TUCUNDUVA; ARNS, 2008, p. 53).*

Através das observações das aulas pudemos perceber que a professora da manhã utilizava bastante da improvisação, pois como poderia seguir algo sistematizado se não cumpria com a elaboração do planejamento? Diante das análises dos dados dos planos de aula das professoras notamos que a professora da tarde realizava seus planos de aula toda semana, porém contendo neles apenas os conteúdos e a numeração das páginas dos livros didáticos, não eram bem elaborados.

Já o raro plano de aula da docente da manhã era mais elaborado, nele continha os conteúdos, os objetivos específicos, a metodologia descrevendo os momentos da aula e em alguns ela fazia o registro da avaliação, relatando os resultados se os alunos estavam conseguindo compreender e em alguns sugerindo estratégias. Sendo assim, vimos à necessidade de questioná-las sobre as dificuldades de elaborar o planejamento. E as repostas foram:

A escola não possui computador e nem acesso à internet (Professora manhã).

As dificuldades são a falta de material didático e pedagógico, até material de expediente (lápiz de quadro, xerox, folhas de ofício, a fim de que nossos planos sejam os mais diversificados e coerentes com as necessidades dos alunos (Professora tarde).

Realmente a escola não disponibiliza computadores, nem internet, falta material didático. Esses fatores dificultam na elaboração e execução do planejamento. O sistema educacional precisa pensar e propiciar condições que auxiliem aos educadores na sua prática. Contudo, esses fatores citados pelas professoras dificultam, mas não impedem que o mesmo seja realizado. Sobre a resistência ao planejamento Luck (2008) afirma:

Embora o planejamento, enquanto processo mental de organização do trabalho, seja reconhecido como condição necessária para que a ação pedagógica possa ser mais efetiva no alcance dos resultados educacionais pretendidos, verifica-se ser frequente a resistência de profissionais da educação em assumir essa prática (LUCK, 2008, p.40).

Notamos mais resistência da elaboração do plano de aula da professora da manhã, era visível que a mesma realizava por obrigação. Percebendo essa postura procuramos entender diante da concepção das professoras questionando o que poderia ser mudado para melhorar o planejamento e elas responderam:

Poderia ser mais breve, conter apenas o registro das atividades do dia. Sem muitas explicações de cada detalhe (Professora manhã).

Poderíamos dispor de computador, internet e impressora para fazer pesquisas nos momentos em que temos tempo para planejar na escola (Professora tarde).

A partir dessas considerações, na fala da professora da tarde como já mencionado o a ausência de recurso tecnológico, dificultando a construção do planejamento, principalmente o acesso à internet, pois é um meio de pesquisa. Já na fala da professora da manhã a falta de entendimento da dinâmica da aula. Sobre isso Takahashi e Fernandes (2004) ressaltam:

Cada aula é uma situação didática específica e singular, onde os objetivos e conteúdos são desenvolvidos com métodos e modos de realização da instrução e do ensino, de maneira a proporcionar aos alunos conhecimentos e habilidades, expresso por um meio de aplicação de uma metodologia compatível com a técnica estudada (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004, p.114).

Devido a essa característica peculiar de cada aula, se faz imprescindível o conjunto de técnicas científicas para a sistematização, dos conteúdos, dos objetivos, da metodologia, dos recursos, e da avaliação. Na análise dos planos de aula das professoras percebemos que ambas deixam a desejar, enquanto uma raramente elabora o plano de aula, mas considerava seus elementos.

A outra professora elaborava, mas incompleto, não especificava nem os objetivos e nem a metodologia, sendo estes elementos de grande valia na ministração da aula, principalmente para uma turma de alfabetização, pois ela estabelece os procedimentos adequados para atingir os objetivos específicos. Dessa forma, perguntamos às professoras quais as dificuldades de planejar e executar o plano considerando não apenas o ato da leitura e da escrita, mas que esteja também atrelado ao letramento? E elas responderam:

A maior dificuldade de planejar é propor uma atividade em que todos participem, apesar de níveis de aprendizagem diferentes. Essa tem sido uma grande barreira para mim. Além da falta de recursos, pois a escola não dispõe de papel sulfite para fazer atividades, pincel para quadro ou computador, jogos ou mapas. É difícil planejar só com livro e caderno, quando se tem uma turma em que metade não reconhece as vogais ou seu próprio nome (Professora manhã).

As dificuldades não estão no ato de planejar atividades e metodologias que contemplem o letramento e sim, as questões relacionadas aos alunos, como a falta de interesse, a visão de que tarefa é apenas ler e escrever, a falta de se colocar como sujeito responsável pelo seu processo de letramento (Professora tarde).

Perante o relato da professora da manhã, no que diz respeito à dificuldade de planejar devido os diferentes níveis de escrita, uma das estratégias é partir do reconhecimento dos níveis psicogenéticos que se encontra os alunos como afirma Russo (2001, p. 32) “Para definir a didática mais adequada, o professor precisa, antes de mais nada, procurar detectar o nível em que se encontra o aluno para intervir coerentemente no processo de aprendizagem de cada um”.

Reconhecemos que a falta de material didático como: pincel para quadro, papel sulfite, mapas, etc. não devia faltar nas escolas, pois são materiais básicos que precisa ter no ambiente educacional, principalmente quando voltados para crianças. Daí a importância de uma boa administração tanto da gestão escolar como também dos governantes.

Esse fato dificulta no momento da elaboração e da execução do plano de aula, porém, como já havíamos discutido anteriormente não impede que o professor proporcione para os alunos aulas diferentes. Para isso é preciso diversificar sua proposta metodológica. O educador precisa ser criativo e produzir junto com discentes jogos educativos com materiais recicláveis, proporcionar momentos de brincadeiras. Para isso, ele precisa pesquisar, e ele tem essa oportunidade no momento do planejamento, da mesma forma estabelecer atividades diversificadas que envolva os diferentes níveis de aprendizagem.

Na resposta da professora da tarde percebemos que a mesma atribuiu apenas aos alunos a responsabilidade de apoderar-se da escrita. No entanto acreditamos que essa generalização foi um tanto equivocada, pois como afirma Charlot (2013, p.159) “Só aprende quem encontra prazer no fato de aprender” e para sentir esse prazer na aprendizagem o mesmo tem que encontrar sentido, esse é o ponto principal. Daí surge a seguinte questão e o que fazer para que os alunos possam encontrar esse sentido, segundo Charlot (2013):

[...] o problema fundamental é saber porque muitos alunos nunca entraram nas lógicas simbólicas da escola. Eles são matriculados administrativamente, estão presentes fisicamente (algumas vezes, pelo menos), mas nunca entenderam o que consiste ali. Talvez uma das coisas mais importantes a se ensinar aos alunos seja o que significa ir à escola, a especificidade da escola, o que se faz na escola (CHARLOT, 2013, p. 161).

Portanto, tendo como ponto de partida o esclarecimento da importância da escola nas vidas dos alunos, possivelmente haveria a mobilização e tornaria o processo da alfabetização atrelada ao letramento mais descomplicado.

Desse modo, diante das situações presenciadas em sala de aula, pudemos constatar devido à ausência de alguns materiais didáticos e principalmente da falta do plano de aula ou da sua elaboração, contemplando pouco dos seus elementos, as professoras quando não utilizavam as atividades do livro didático acabavam improvisando as atividades. Na verdade, ambas se baseavam apenas no livro didático, o que era para ser um instrumento de auxílio na administração do seu exercício docente, muitos se tornam dependentes do mesmo. Sendo assim, acabam se limitando sem ter condições de fazer uma boa articulação dos conteúdos com a realidade dos alunos.

6.3 A concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras

A alfabetização como já vimos, é a codificação e decodificação das letras, enquanto o letramento é a condição do empoderamento dos códigos e símbolos. Isto é, quando o sujeito alfabetizado tem domínio e compreensão do que está lendo. Cabe lembrar que o indivíduo analfabeto pode ser letrado, ou seja, apesar de não saber ler e escrever, mas que busca auxílio através de outras pessoas, e refletem sobre as questões argumentadas, tomando um posicionamento da concepção dos fatos.

Desta forma percebemos que a alfabetização deve estar diretamente atrelada ao letramento, pois do que vale uma leitura se não é possível entendê-la? Como as entrevistadas eram professoras alfabetizadoras fizemos a seguinte pergunta: qual a diferença entre alfabetização e letramento? Obtivemos os seguintes relatos:

Alfabetização: é um processo que o indivíduo constrói nas capacidades de ler, escrever textos e operar números. Letramento: o resultado da ação de ensinar a ler e escrever, é o estado ou condição que adquire-se da apropriação da escrita, ele faz uso competente do que aprendeu no processo de alfabetização; é uma ação social e ampla (Professora manhã).

A alfabetização está voltada para o processo de leitura e escrita como decodificação de símbolos gráficos. Já o letramento refere-se ao contexto e a forma como interpretamos esses símbolos e fazemos referência com o que nos cerca (Professora tarde).

Ambas as professoras entendem que o letramento é quando se faz uma leitura e se apropria, conseguindo fazer uso do que se leu. Do mesmo modo a Soares (2010, p.19) afirma: “Alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”.

Sendo nosso campo de pesquisa uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental a qual, de acordo com o modelo de ciclo, é o último ano do primeiro ciclo e o ano que os alunos devem ter desenvolvido as habilidades da leitura e escrita, perguntamos às professoras o que devemos fazer para que possamos de fato alfabetizar as crianças na idade correta como menciona a Resolução para o Ensino Fundamental de nove anos? E elas relataram:

1º mapear os alunos com reais dificuldades de leitura e escrita, 2º propor a alfabetização dos mesmos até o final do ciclo, de preferência, com atendimento específico e direcionado, 3º garantir que os alunos na idade e série corretas sejam alfabetizados, 4º acompanhar os resultados efetivamente destes alunos e propor melhoras, 5º unir as famílias neste processo, precisamos de apoio e continuidade. Deste modo, após o diagnóstico da turma, foram detectados 10 alunos com problemas graves de alfabetização, a estes, propus um trabalho individual; antes falei com a direção da escola, para autorizar 30 minutos nas terças e quartas após às aulas, depois chamei os pais para assinarem um termo de compromisso e em seguida organizei os alunos 5 na terça e 5 na quarta e assim estou desenvolvendo o processo de alfabetização. O primeiro grupo comecei o trabalho da escrita do nome próprio, vogais e alfabeto. O segundo grupo com sílabas complexas e início de frases e agora pequenas leituras (Professora manhã).

Deve-se ter um efetivo compromisso entre os docentes desde a educação infantil, assim como nos 1º e 2º anos do fundamental I, a fim de que o processo seja realmente efetivado no 3º ano e não sendo empurrado até chegar aos 8 anos e colocar toda a carga de um ciclo de 3 anos em 1 ano só (Professora tarde).

A professora da manhã relatou que estava realizando um reforço escolar depois das aulas, na tentativa de alfabetizar os alunos, foi uma atitude plausível, mas vejamos: se a mesma desde o início do ano viesse planejamento suas aulas, estabelecendo os objetivos a metodologia adequada, recursos, atividades, tendo como base o cenário dos níveis psicogenéticos dos alunos, possivelmente não precisaria ter se preocupado com um reforço escolar. Já a docente da tarde declara que é preciso que as professoras dos anos anteriores

desenvolvam os seus trabalhos com mais compromisso, para que no término do ciclo de alfabetização os alunos estivessem de fato alfabetizados.

Foi perceptível que tanto na turma da manhã como da tarde havia crianças não alfabetizadas, na turma da manhã algumas crianças não conseguiam reconhecer nem as letras do alfabeto e isso realmente dificulta o trabalho das educadoras do 3º ano. A partir do posicionamento das educadoras fizemos a seguinte pergunta: por que você ensina na classe de alfabetização?

Porque comecei ensinando na escola já a turma do 3º ano, mas acredito que no 1º ano em nossa escola o trabalho precisa ser revisto para que não cheguemos ao 3º ano tendo tantos casos de alunos ainda não alfabetizados, bem como a promoção automática, da forma que é feita só piora os problemas (Professora manhã).

Porque fui direcionada para turma e logo em seguida, procurei melhorar minha prática e ampliar meus conhecimentos teóricos para conseguir efetivar o máximo o processo de alfabetização na idade certa (Professora tarde).

Percebemos que ambas estão na turma do 3º ano porque foram direcionadas para essas turmas. A professora da manhã relata sua angústia da falta do desenvolvimento das habilidades dos alunos nas turmas anteriores.

Notamos que a maior aflição de ambas as professoras estava em receber crianças que não desenvolveram as habilidades pertinentes aos anos anteriores do ciclo, ficando assim responsáveis pela alfabetização e tendo que lidar com diferentes níveis psicogenéticos em sala de aula.

Portanto, concordamos que as educadoras dos primeiros anos do ciclo de alfabetização devem cumprir com seu papel enquanto profissionais. Porém, é preciso levar em consideração que, além destes fatos, existem outros que dificultam o processo da escrita e leitura, como por exemplo, a realidade familiar da criança, muitas não têm o auxílio dos pais ou responsáveis para auxiliarem nas tarefas de casa, como também podem não possuir frequência assídua, dentre outros. Entender que na sala de aula é possível trabalhar com esses diferentes níveis psicogenéticos e buscar estratégias para obter avanços é dever da função enquanto alfabetizador.

6.4 A organização da aula desenvolvida pelas professoras no ciclo de alfabetização

A organização da aula começa desde o planejamento, tendo o cuidado no início de cada conteúdo em não exigir dos alunos assuntos que não foram dados, procurar não repeti-los

demais, pois acaba se tornando chato para os alunos. É necessário ter em mente que os alunos possuem conhecimentos prévios. Esses fatores devem ser levados em consideração, para que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais satisfatório. Perguntamos as professoras como a organização do ambiente formativo pode interferir, seja positivamente ou negativamente com o processo de ensino- aprendizagem?

A sala de aula tem materiais sucateados, as paredes não são limpas, não tem uma pintura há três anos, ventiladores quebrados, armários velhos, quadro velho, falta de pincel de quadro, material de limpeza, tornam o ambiente desagradável, desconfortável e não convidativo à aprendizagem. É uma falta de cuidado e respeito com os alunos e professores (Professora manhã).

É importante que as crianças tenham espaço além de material necessário para execução das atividades, além de murais com alfabetos, numerais, cantinho da leitura e da matemática, porque a aprendizagem acontece principalmente quando elas saem da subjetividade e conseguem perceber o concreto (Professora tarde).

Observamos que a professora da manhã descreveu, que por falta de material didático e até mesmo aspectos da estrutura da escola interferem no processo de ensino aprendizagem. Já a professora da tarde relatou que é relevante as crianças desfrutem não apenas de material, mas também de espaço para ocorrer à aprendizagem. Sobre os elementos do ambiente formativo Leite (2013) afirma:

O ambiente formativo é também um ambiente saudável, acolhedor, que busca atender às diferentes necessidades e desejos de todos aqueles que por ali circulam e atuam, não apenas favorecendo as trocas e descobertas, mas, sobretudo, impulsionando os processos de apropriação e de produção de sentidos e significados. Neste sentido, os diferentes espaços escolares são percebidos como parte deste ambiente maior: o pátio, a biblioteca, as salas de aula, a horta, a sala de informática ou de recursos – em outras palavras, é o conjunto dos diversos espaços somados às tramas relacionais ali tecidas que constitui, no caso das escolas, seu ambiente formativo gera (LEITE, 2013, p. 04).

Desta forma, é necessário que a escola possua não apenas um ambiente acolhedor que possibilita corresponder às especificidades dos que ali frequentam, mas também possibilitar a mobilização dos alunos. Portanto, perguntamos às professoras como elas organizavam o ambiente formador? E elas responderam:

Procuro primar pelo material completo dos alunos, que é a única ferramenta disponível na escola e também pela mínima organização da sala, e quando possível acesso a xerox e mais raro ainda elaboração de cartazes, quando tem material (Professora manhã).

De acordo com o que dispomos na escola, procuro fazer os murais e cartazes que tragam aspectos referentes a alfabetização e o letramento (Professora tarde).

Ambas afirmam que quando tem recursos didáticos na escola elaboram cartazes. Podemos constatar na fala da professora da manhã que por falta de outros materiais didáticos a mesma organiza suas aulas a partir dos livros didáticos. Cabe ressaltar que a criação e exposição dos cartazes são importantes para os alunos se sentirem autores, mas também precisa ter o cuidado em não deixar o mesmo cartaz por muito tempo e nem descartá-lo na frente dos alunos como mostra Russo (2001):

Cartazes superados há muito tempo em exposição ou aqueles cujos objetivos já foram alcançados, devem ser retirados. O professor pode combinar com a classe o que fazer com esse material, evitando destruí-lo na frente dos alunos (RUSSO, 2001, p. 18).

Partindo da situação da ausência de material didático como afirmaram as professoras, fizemos a seguinte pergunta. Para você que elemento não deve faltar na sala de aula principalmente na classe de alfabetização? As respostas foram:

Cartazes, alfabeto móvel, silabário, livros e cola, lápis de cor, jogos pedagógicos (Professora manhã).

Livros, muitos livros para que o aluno sinta-se dono desse instrumento tão valioso para seu letramento (Professora tarde).

A professora da manhã descreveu vários materiais que auxiliam na classe de alfabetização. Já a professora da tarde citou os livros, mas não esclareceu se trabalhava com os gêneros textuais como: poesia, carta, e outros. Há tantos instrumentos que auxiliam na alfabetização tais como: trabalho com nomes, com sucatas, dentre outros, e isso só é possível quando o educador é criativo. Sobre os elementos do ambiente formador Russo (2001) declara.

Os alunos devem manusear revistas, jornais, livros etc. a fim de ter contato com as diversas formas de escrita. Em grupo, com a orientação do professor, podem ajudar a construir o material que, ao ser elaborado com suas próprias mãos, proporciona mais uma maneira de trabalhar suas hipóteses (RUSSO, 2001, p. 17).

Por fim, perguntamos às professoras se consideram importantes as exposições das obras dos alunos, e o seu auxílio na organização da sala. Elas falaram:

Sim, na sala, ou nos corredores da escola, pois eles se sentem “importantes” autores e gostam de expor para outros colegas, e sobre a organização da sala é importante que eles se sintam responsáveis pelo espaço que eles convivem (Professora manhã).

Sim, para valorizar o trabalho dos alunos e incentivar a participação de todos, e a organização é importante porque dividimos a responsabilidade de manter a sala organizada (Professora tarde).

Em relação às exposições ambas concordaram. A professora da manhã afirmou que seus alunos se sentem importantes nas exposições, e a da tarde respondeu que era uma estratégia para que todos participassem. As duas professoras também concordaram que quando os alunos auxiliam na organização da sala passam a se sentirem responsáveis. Assim, podemos concluir que quando há exposições das obras do aluno contribui até mesmo no momento da elaboração de outros trabalhos, pois os alunos começam a ter interesse em participar, como também na manutenção da organização da sala de aula.

Por fim, compreendemos que o ambiente possui contribuição valorosa no processo de ensino - aprendizagem como afirma Russo (2001, p.18) “Quando o ambiente favorece a aprendizagem, transforma o desinteresse de alguns em motivação”. Pois um ambiente agradável é convidativo para o interesse de manter-se nele, assim como, conservá-lo, além de proporcionar um bem-estar.

7 Considerações finais

O planejamento se faz indispensável na nossa vida, para assim podermos traçar e alcançar nossos objetivos. Seu uso se faz necessário, principalmente no meio educacional, no qual há várias metas a serem almeçadas, ao registrá-lo denominamos de plano ou projeto. No tocante ao plano de aula o educador precisa compreender que este elemento contribui com a organização e sistematização do seu trabalho, assim favorecendo uma prática bem-sucedida.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como o professor no ciclo de alfabetização realiza e desenvolve a sua aula tendo como base o planejamento construído. Partindo deste objetivo buscamos identificar quais as perspectivas sobre a realização e execução do planejamento das aulas na visão das professoras do ciclo de alfabetização, refletir as barreiras e possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização no desenvolvimento da aula, retratar a concepção sobre alfabetização e letramento na visão das professoras do ciclo de alfabetização e analisar a organização da aula desenvolvida pelas professoras no ciclo de alfabetização.

A metodologia utilizada através da pesquisa de campo de caráter qualitativo foi observação participante em sala de aula das turmas do último ciclo de alfabetização, a análise documental dos planos de aula das professoras os quais pudemos também presenciar sua execução, e do projeto político pedagógico da escola (PPP) do ano de 2016 e a entrevista semiestruturada com as educadoras das turmas observadas.

No tocante às perspectivas sobre a realização e execução do planejamento das aulas na visão das professoras do ciclo de alfabetização, notamos que a professora da manhã, apesar de reconhecer o plano como uma forma de organização da aula, não o faz constantemente, e declara que devia conter menos elementos. Já a professora da tarde considera-o como ferramenta fundamental para sistematização dos conteúdos e metodologia, porém a mesma apesar de não deixar de elaborar o plano, geralmente o elabora de maneira simplista contendo apenas conteúdos e numeração de páginas dos livros.

Em relação às barreiras e possibilidades encontradas pelas professoras no ciclo de alfabetização no desenvolvimento da aula, percebemos que ambas descrevem que elaboram os planos de aula semanalmente, suas maiores dificuldades em realizá-lo é a falta de recursos. Ao tratar dos obstáculos de planejar levando em consideração o processo de alfabetização e letramento, a educadora da manhã descreveu sua dificuldade em planejar tendo alunos com níveis diferentes de aprendizagem. Já a outra docente cita que o problema está nos alunos, pois para ela, eles precisam ser os responsáveis por esse processo. A educadora da manhã

relatou que para melhorar o planejamento, o plano devia conter menos elementos, e a professora da tarde declara a presença de elemento tecnológico como o computador para realização de pesquisas.

Sobre a concepção de alfabetização e letramento na visão das professoras do ciclo de alfabetização notamos que as duas compreendem a alfabetização como leitura e escrita de textos e o letramento como forma de sua apropriação, isto é compreender o que se leu. Ao serem indagadas sobre o que fazer para que os alunos estejam alfabetizados no final do ciclo, a docente da manhã descreveu que é preciso conhecer os alunos com dificuldades neste processo, buscar garantir sua alfabetização até o último ano do ciclo através de monitoramento dos resultados e elaboração de estratégias para seu desenvolvimento. A educadora da tarde relata que é preciso que todos os professores tenham compromisso com sua prática.

A respeito de como é organizada e desenvolvida a aula pelas professoras no ciclo de alfabetização, verificamos que as duas professoras têm o livro didático como instrumento direcionador de suas práticas. Buscam construir cartazes e posteriormente fazem a exposição. Compreendem que é importante que os alunos possam ajudar no momento da organização da sala, pois os mesmos passam a se sentirem responsáveis, tendo mais cuidado com os trabalhos e com os materiais. Sobre o ambiente na turma da manhã não tem o alfabeto completo, nem números expostos na parede, ao contrário da sala da tarde.

Observemos que na turma da professora da tarde havia uma organização maior, tanto na sala enquanto matérias para alfabetização como também no acompanhamento do planejamento, quando a mesma não conseguia concluir determinado conteúdo tinha o cuidado de anotar no seu caderno de registro e dá continuidade no dia seguinte. Proporcionava momentos de leitura, colaborando assim, com o processo de alfabetização e letramento dos alunos. Já na sala da professora manhã vimos que tinha uma boa relação com os alunos e que buscava alfabetizá-los, criou até um projeto de reforço. Contudo percebemos que a falta de um plano contribui com a desorganização da aula.

Acreditamos que o planejamento deveria ser uma ferramenta fundamental na prática docente, principalmente para os alfabetizadores, pois coopera de maneira significativa com seu trabalho. Este instrumento não pode ser visto como algo obrigatório, mas sim como elemento auxiliador do trabalho pedagógico. Em relação à turma de alfabetização, é relevante estabelecer métodos adequados com os níveis psicogenéticos dos alunos. O ambiente alfabetizador precisa ser agradável, conter alfabeto, números, cantinho da leitura entre outros, para assim colaborar com o processo de alfabetização das crianças.

Tanto as observações em sala de aula, como análise documental e a entrevista semiestruturada colaboraram de forma positiva com a elaboração deste trabalho. Apesar de não termos nos deparados com um plano bem elaborado vimos que sua ausência pode dificultar a prática pedagógica assim como o domínio da leitura e escrita dos alunos.

Esta pesquisa só reforçou as nossas considerações acerca da relevância desta ferramenta no meio educacional, no qual se faz preciso para que se possa ministrar uma aula organizada. Ajudou-nos a entendermos melhor os conceitos dos principais tipos de planejamentos, como também a relevância do letramento no processo de alfabetização. Acreditamos que essa temática é ampla e que tem muitas outras considerações a serem levantadas.

Assim, constatamos o quanto a prática docente necessita deste instrumento e que contenha uma base técnica e científica para sistematização dos conteúdos e atividades, os métodos de ensino, dos instrumentos e critérios avaliativos das aulas, adequados com a realidade dos alunos, bem como os recursos disponíveis, a fim de alcançar resultados satisfatórios. O processo de alfabetização dos alunos deve está atrelado ao processo de letramento, para que o mesmo possa ter a compreensão no momento da leitura.

Enfim, esperamos que a leitura deste trabalho contribua com a percepção da relevância do ato de planejar as aulas, proporcionando, assim, um ensino de qualidade para os alunos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso para ambas as partes.

Referências

- ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento**: Conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ASSIS, Álen, Carla, R. Espaço escolar como lugar privilegiado de formação da infância. In: MENDONÇA, Rosa, H. (apr.) **O currículo no ciclo de alfabetização**. 2013.
- BORDA, Angêla, M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra D.; NASCIMENTO, Aricélia R. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- BRANDÃO, Carlos, da F.; PASCHOAL, Jaqueline, D. **Ensino fundamental de nove anos**: teoria e prática na sala de aula. São Paulo: Avercamp, 2009.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Brasília, MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível: http://confinteabrilmais6.mec.gov.br/images/documentos/diretrizes_curriculares_nacionais_e_ducacao_basica.pdf acesso em 02 de maio de 2017
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação** - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2010.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Maria, E., P. **Pesquisa aplicada à educação**. Pedagogia a distância. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007.
- CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber às práticas educativa**. São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FLÔR, Mayara Maria de Melo e Silva. **O ensino da leitura na alfabetização**: o seu lugar no planejamento didático. João Pessoa: laboratório de estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso (LAEST) da UFPB, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. ed. 23. São Paulo: Cortez, 1921.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Emanuella de O.; SILVA, Gracielle O. da; DIAS, Renata da S. B. **Planejamento de ensino: porque tanta resistência**. João Pessoa: laboratório de estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso (LAEST) da UFPB, 2009.

FUSARI *apud* CASTRO; TUCUNDUVA; ARNS, **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente**. ATHENA • Revista Científica de Educação, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>. Acessado em 18 de outubro de 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**, coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acessado em 28 de julho de 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acessado em 28 de julho de 2017.

GOMES, Alex, S.; SILVA, Paulo da S. **Design de experiências de aprendizagem: criatividade e inovação para o planejamento das aulas**. Recife: Pipa Comunicação, 2016.

GROSSI, Esther Pilar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2011.

IBGE, **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>. Acessado em 01 de março de 2017.

LEITE, Maria Isabel. O planejamento no ciclo de Alfabetização. In: MENDOÇA, Rosa, E. (apr.) **O planejamento no ciclo de Alfabetização**. 2013. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/tv-escola>. Acessado em 21 de março de 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MENDES, Maria, Francisca. Literatura e outros gêneros textuais no ciclo de Alfabetização: introdução. In: MENDONÇA, Rosa, Helena (apr.). **Literatura e outros gêneros textuais no ciclo de Alfabetização**. 2013.

MOREIRA, Marco Antonio. **A teoria da aprendizagem significativa**. Subsídios teóricos para o professor pesquisador no ensino de Ciências. Instituto de Física, UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios6.pdf>> Acesso em 10 de dez. 2017.

MORENO, Gilmar, L.; PASCHOAL, Jaqueline, D. A criança de seis anos no ensino fundamental: considerações iniciais. In: BRANDÃO, Carlos; PASCHOAL, Jaqueline (org.) **Ensino fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula**. São Paulo: Avercamp, 2009.

MORTATTI, Maria Rosário, **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acessado em 04 de março de 2017.

NASCIMENTO, Anelise, M. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra D.; NASCIMENTO, Aricélia R. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OLIVEIRA. **O planejamento na educação infantil: concepções e práticas**. João Pessoa: laboratório de estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso (LAEST) da UFPB, 2013.

PORTAL DO MEC, **Pacto de Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/noticias/134-adesao-2016>. Acessado em 26 de outubro de 2016.

PROGRAMA SALTO PARA O FUTUTO, **entrevista com o ministro da educação, Reforma do ensino médio**. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/salto-para-o-futuro-evasao-escolar>. Acessado em 26 de outubro de 2016.

RAMOS, Luiza, O. L. O currículo no ciclo de alfabetização. In: MENDONÇA, Rosa, H.(apr.) **O currículo no ciclo de alfabetização**. 2013.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**/ Maria de Fátima Russo, Maria Inês Aguiar Vian. 4ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2ª ed. rev. e. amp. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SILVA, Ceris S. R. da. O processo de alfabetização no contexto do ensino fundamental de nove anos. In: RANGEL, Egon de O.; ROJO, Roxane, Helena R. (Coor.). **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em:

<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/27.pdf#page=37>. Acessado em 19 de outubro de 2017.

SILVA, Mariza Viera da. **História da alfabetização no Brasil a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização**. Campinas, SP. 1998. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/165/TeseseDissertacoes/HistoriadaalfabetizacaonoBrasil.pdf>. Acessado em 02 de março de 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TOQUINHO. **Canção de todas as crianças: Bê-a-bê**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe1G3wjRXg>. Acessado em 04 de fevereiro de 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 10.ed. São Paulo: Libertad, 2002. Disponível em: https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/vasconcellos_planejamento2.pdf. Acessado em 04 de fevereiro de 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. Ladermos Libertad-1. 7º ed. São Paulo, 2000.

VÁZQUEZ, Adolfo. S. **Filosofia da Práxis**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

TAKAHASHI, R.T.; FERNANDES, M.F.P. **Plano de aula: conceitos e metodologia**. Acta Paul. Enf., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 144-8, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/marcio/Downloads/Takahashi - Plano de Aula - _Conceitos e Metodologia%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marcio/Downloads/Takahashi%20-%20Plano%20de%20Aula%20-%20Conceitos%20e%20Metodologia%20(1).pdf) . Acessado em 19 de outubro de 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

- 01- As professoras do 3º ano do ensino fundamental realizam o plano de aula?
- 02- Os planos de aula são flexíveis?
- 03- Como é organizada a aula tendo em vista o planejamento construído?
- 04- Qual periodicidade as professoras elaboram o plano de aula?
- 05- Quais as dificuldades de elaborar e executar o plano de aula?
- 06- Que elementos da alfabetização são considerados no momento da elaboração do plano de aula?
- 07- O que poderia ser feito para melhorar o planejamento?
- 08- A organização da sala de aula tem aspectos de um ambiente formador (alfabetização)
- 09- Quais as barreiras enfrentadas pelas professoras para alfabetizar os alunos na idade certa?
- 10- Como as professoras elaboram o plano tendo em vista o letramento?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL

Analizamos os planos das professoras para constatar com qual frequência elas planejavam a aula, e se o plano condizia com a ministração das aulas, além de verificar quais elementos da alfabetização eram considerados nos planos. Investigamos também o PPP da escola para identificarmos quais elementos do planejamento, da alfabetização e do letramento foram considerados na sua elaboração.

1. Plano de Aula das professoras

2. Projeto Político Pedagógico da escola

- Planejamento
- Alfabetização
- Letramento

APÊNDICE C- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista semiestruturada realizada para coleta de dados, para construção do trabalho de conclusão de curso. No qual tem o seguinte tema: O planejamento do ciclo de alfabetização: dos desafios as possibilidades.

- 01- De acordo com sua experiência na prática docente qual relevância do planejamento, e por quê?
- 02- Qual periodicidade você realiza o seu planejamento?
- 03- Para você o planejamento deve ser seguido à risca?
- 04- Na elaboração planejamento que elemento da classe de alfabetização você leva em consideração?
- 05- Qual a relação do ato de planejar com o letramento?
- 06- Quais as dificuldades de planejar e executar o plano considerando não apenas o ato da leitura e escrita, mas que esteja também atrelado ao letramento?
- 07- Quais as dificuldades de elaborar e executar o planejamento?
- 08- Na sua concepção o que poderia ser mudado para melhorar o planejamento?
- 09- Por que você ensina na classe de alfabetização?
- 10- Qual a diferença entre alfabetização e letramento?
- 11- Para que possamos de fato alfabetizarmos nossas crianças na idade correta (08 anos) o que se deve fazer?
- 12- Como a organização do ambiente formativo pode interferir seja positivamente ou negativamente com o processo de ensino- aprendizagem?
- 13- Como você organiza o ambiente formador?
- 14- Para você que elemento não deve faltar na sala de aula principalmente na classe de alfabetização?
- 15- Você considera importante expor obras dos alunos na sala de aula e que eles ajudem na organização da sala?

BREVE CURRÍCULO DA AUTORA

YSLÂNIA NOGUIERA DANTAS

Nasci e cresci na zona rural do município de São Mamede interior da Paraíba. Sempre estudei em escolas públicas, conclui o ensino médio no ano de 2011. Vim para João Pessoa em 2012 trabalhar como babá e com a intenção de estudar, neste mesmo ano tive a oportunidade de ingressar no curso pré-vestibular da Universidade Federal da Paraíba. Passei no vestibular (PSS), e pude ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba em 2013. Participei de seminários e palestras na universidade, fiz estágio com remuneração entre os anos 2014 e 2016 em uma instituição renomada de João Pessoa - PB.